



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE HABILITAÇÕES PEDAGÓGICAS
CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

DJADE MYRNA BARROS LIMA DOS SANTOS

**AS CONTRIBUIÇÕES DA AFETIVIDADE NO PROCESSO DE INCLUSÃO E
APRENDIZAGEM DO ESTUDANTE COM DEFICIÊNCIA**

JOÃO PESSOA

2023

DJADE MYRNA BARROS LIMA DOS SANTOS

As contribuições da afetividade no processo de inclusão e aprendizagem do estudante com deficiência

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado a Coordenação do Curso de Licenciatura em pedagogia da Universidade Federal da Paraíba como requisito complementar para obtenção do título de Licenciada em Pedagogia.

Orientadora: Dr^a Lisiê Marlene da Silveira Melo Martins.

JOÃO PESSOA

2023

**Catálogo na publicação Seção de
Catálogo e Classificação**

S237c Santos, Djade Myrna Barros Lima dos.

As contribuições da afetividade no processo de inclusão e aprendizagem do estudante com deficiência / Djade Myrna Barros Lima dos Santos. - João Pessoa, 2023.

83 f. : il.

Orientação: Lisiê Marlene da Silveira Melo Martins.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) - UFPB/CE.

1. Afetividade. 2. Aprendizagem. 3. Inclusão. I. Martins, Lisiê Marlene da Silveira Melo. II. Título.

UFPB/CE

CDU 376(043.2)

DJADE MYRNA BARROS LIMA DOS SANTOS

**AS CONTRIBUIÇÕES DA AFETIVIDADE NO PROCESSO DE INCLUSÃO E
APRENDIZAGEM DO ESTUDANTE COM DEFICIÊNCIA: UM ESTUDO DE CASO**

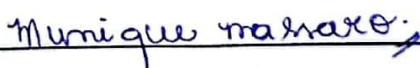
Trabalho de conclusão de curso
submetido à Banca Examinadora
designada pelo Curso de Graduação
de Licenciatura em Pedagogia da
Universidade Federal da Paraíba como
requisito para obtenção do grau de
Licenciada em Pedagogia.

Aprovada em: João Pessoa, 10 de novembro de 2023.

BANCA EXAMINADORA



Professora Orientadora - Dr^a Lisiê Marlene da Silveira Melo Martins



Professora Dr^a Munique Massaro



Professora Dr^a Izaura Maria de Andrade da Silva

Dedico este trabalho de conclusão de curso primeiramente a Deus que me sustentou até aqui e depois a minha família que é a base de tudo para eu ter chegado até aqui, me apoiando e incentivando ao longo desta grande jornada acadêmica.

Dedico a todos os professores compromissados com uma educação verdadeira, afetiva e inclusiva e todos os estudantes com deficiência.

AGRADECIMENTOS

Por meio deste trabalho quero agradecer primeiramente a Deus, O todo poderoso, O Grande Eu Sou! O senhor da minha vida. Aquele que era, que é e que há de vir, pois se cheguei até aqui é porque Ele me ajudou e me sustentou em todas as etapas e me fez ultrapassar todos os obstáculos no meio do caminho. A Ele seja dada toda honra, glória e louvor. Pois para mim não há Mestre maior que Jesus Cristo. E é com a ajuda do Pai Celestial que concluo este curso na certeza de que pôr meio dEle, por Ele e para Ele, são todas as coisas. Então é a Ele que louvo e agradeço, pois sem Ele nada disso existiria e é a sua palavra que me sustenta!

Agradeço a meu esposo Bruno Rafael Souza dos Santos que sempre esteve ao meu lado, me incentivando a não desistir, “segurando as pontas” com três crianças onde duas nasceram durante a graduação. A este parceiro e amigo, meus agradecimentos, pois quando mais precisava estava lá sendo meu porto seguro. E nos momentos mais aflitos de crises de ansiedade era este homem maravilhoso que estava ao meu lado. Gratidão meu amor, te amo demais. Saiba que esta graduação também é sua e seu galardão está guardado nos céus.

Agradeço aos meus três filhos, Ana Cecília, Pedro Henrique e Júlia Beatriz por serem a minha inspiração de prosseguir na luta por uma educação melhor em nosso país. Vocês são preciosos demais para mim e foram combustíveis para que eu continuasse. A nossa família é uma base sólida e forte que me mantém de pé. Amo vocês incondicionalmente, pois vocês me trazem alegria e força para continuar a jornada.

Agradeço aos meus pais José Lima da Silva Filho e Edjane Barros Lima por terem financiados por longos e árduos anos uma educação privada e por me incentivarem tanto aos estudos, mesmo em meio as minhas dificuldades de aprendizagem que só hoje entendo. Amo vocês demais e sou grata a Deus por tê-los em minha vida e se sou o que sou hoje vocês também têm parte nisso. Pois foi com o incentivo aos estudos e a leitura (pois éramos rodeados de livros e gibis... ah os gibis) que hoje sou apaixonada em estudar, ler e em buscar conhecimento. Os amos demais, muito obrigada!

Agradeço demais a meu sogro Ronaldo e em especial a minha sogra Cristina (sogra-mãe) por ter sido um porto seguro para mim. Quantas vezes ficou com meus filhos para que eu pudesse ir à universidade e até pudesse estudar para provas, fazer os trabalhos acadêmicos. Vocês foram fundamentais e tem parte nessa graduação com certeza. Pois sempre ficaram na torcida para que eu pudesse terminar. Gratidão, amo muito vocês!

Agradeço demais a minha irmã Denedja Myrelly e meu irmão Dened Myller por fazerem parte de minha vida, torcerem, incentivarem e acreditarem em mim. Amo vocês os irmãos que Deus me presenteou. Vocês são maravilhosos cada um na sua particularidade.

Agradeço aos meus amigos (não vou citar nomes apesar de serem poucos para não correr o risco de esquecer ninguém) por me incentivarem a não desistir e muitas vezes até terem saco para me ouvirem. Gratidão a vocês por terem entendido o tempo de afastamento que tive, pois as minhas demandas são inúmeras. Gratidão por suas orações também. Os Amo muito e agradeço a Deus pela vida de vocês. Estendo esta gratidão ao Pr. Marcelo e sua esposa Maraysa, bem como a todo corpo Pastoral e de Cristo da Igreja Verbo da Vida Praia João Pessoa.

Não poderia deixar de agradecer a meus avôs e avós guerreiros da vida a quem eu amo e admiro demais. Onde as avós, materna Cecília e paterna Arlete (ambas *in memoriam*) não estão mais aqui neste plano terrestre, assim como meu avô materno Edvaldo (*in memoriam*) mas aos quais sou grata demais e sei que estariam felizes por mim. Destaco aqui a minha vizinha materna Cecília a quem eu era mais próxima e torcia muito por mim. Sei que se estive aqui estaria com uma felicidade radiante. Este trabalho é por ela também, pois sempre me incentivou a lutar pela vida com unhas e dentes. E não poderia deixar de mencionar o meu vovô paterno José Lima da Silva que ainda está entre nós (graças a Deus!), o qual eu admiro demais. Um avô tranquilo que tanto nos ensina com a sua forma leve de levar a vida. Amo vocês demais, Deus foi muito bom comigo!

Agradeço aos meus demais familiares (não citarei nomes para não correr o risco de esquecer alguém) como tios e tia, primos e primas e cunhado; que de uma forma ou de outra torceram pelo meu sucesso acadêmico. Amo cada um de vocês e sou grata a Deus por ter me dado uma família tão maravilhosa, mesmo com seus

defeitos. Mas gostaria de destacar *in memoriam* a meu Tio Niva que nos deixou tão cedo, mas que tenho a plena convicção de que se estive aqui estaria festejando juntamente conosco a mais uma conquista em minha vida.

Agradeço demais a professora e orientadora Lisiê Martins por estar ao meu lado na produção deste trabalho de conclusão de curso. Gratidão por sua paciência nos dias difíceis e ajuda quando não compreendia muito bem ou travava no que estava fazendo. Sou grata a Deus por cruzar o seu caminho. Obrigado por seu empenho em me ajudar e compartilhar dos seus conhecimentos comigo e ser esta professora e orientadora tão presente e empática para comigo. Amei lhe conhecer e espero nos cruzarmos muito ainda por esta vida docente. A senhora é top!

Agradeço a todos os professores que passaram em meu caminho concordando ou discordando de atitudes e/ou falas, vocês foram essenciais para formarem em mim uma docente capacitada e cheia de muita vontade de que a educação em nosso país melhore a cada dia.

Agradeço a Universidade Federal da Paraíba, a coordenação do Curso de Licenciatura em Pedagogia, ao Centro de Educação, aos Departamentos do CE e a todos que direta ou indiretamente me ajudarão a concluir o curso de Licenciatura em Pedagogia, pois ao longo desses anos de trajetória o Senhor fez cruzar em meu caminho pessoas maravilhosas que me ajudarão muito. Por isso não poderia deixar de agradecer, pois, em meio as dificuldades da trajetória acadêmica, sempre haverá aqueles que te ajudarão.

Gratidão as escolas onde estagiei aqui no município de João Pessoa, pois lá pude ver a realidade da educação brasileira. O que foi propulsor de um sentimento dentro de mim de querer lutar por uma educação onde o respeito, amor, inclusão e liberdade a todos seja fortalecido de verdade e pare de ser apenas debates políticos, retóricas em oratórias de palanques e/ou plenários ou até mesmo utopias teóricas. Mas que todos os brasileiros possam ter acesso à educação de qualidade.

Gratidão!

“Educar é semear com sabedoria e colher com paciência”

Augusto Cury

RESUMO

A presente pesquisa se propõe a analisar contribuições da afetividade no processo de inclusão e aprendizagem do estudante com deficiência. A pesquisa traz à tona discussões sobre este tema fomentando reflexões sobre a aprendizagem e sobre a inclusão efetiva destes alunos no âmbito escolar e como a escola se constitui um espaço de saberes e de uma relação socioemocional tão importante. Assim explicitamos a necessidade da reflexão sobre os preconceitos, estigmas, estereótipos e o capacitismo que precisam estar longe do âmbito escolar, não destacando o aluno através de suas limitações, mas através de suas habilidades e capacidades de desenvolvimento. O percurso metodológico se deu através da abordagem qualitativa de caráter descritivo exploratório, pois se realizou uma revisão bibliográfica, documental, seguida da pesquisa de campo interventiva. Nos resultados e discussões, são levantadas questões estratégicas didático-pedagógicas e ações que podem promover a inclusão, afetividade e aprendizagem a partir de uma experiência com um estudante com deficiência intelectual da rede pública de ensino do município de João Pessoa. Esta pesquisa de campo interventiva, é produto das experiências vivenciadas no Estágio Supervisionado em Educação Especial do Curso de Pedagogia da Universidade Federal da Paraíba e por meio dela trouxemos ao trabalho a importância que a afetividade de fato tem sobre o processo de inclusão e aprendizagem do estudante com deficiência. Como resultados do estudo destacamos E buscamos os elementos que se constituem impulsionadores e aqueles que se constituem como barreiras à afetividade, inclusão e aprendizagem do estudante com deficiência. As contribuições deste estudo para a área são significativas, pois destacam de modo direto e prático aspectos que podem impactar no processo de inclusão, desenvolvimento e aprendizagem por meio da empatia e afetividade.

Palavras-Chave: afetividade; aprendizagem; inclusão.

ABSTRACT

This research aims to analyze the contributions of affectivity in the inclusion and learning process of students with disabilities. The research brings up discussions on this topic, encouraging reflections on learning and the effective inclusion of these students in the school environment and how the school constitutes a space of knowledge and such an important socio-emotional relationship. Thus, we explain the need to reflect on prejudices, stigmas, stereotypes, and ableism that need to be far from the school environment, not highlighting the student through their limitations, but through their skills and development capabilities. The methodological approach was conducted through a qualitative approach of an exploratory descriptive nature, as a bibliographical and documentary review was conducted, followed by interventional field research. In the results and discussions, questions are raised about didactic-pedagogical strategies and actions that can promote inclusion, affection and learning based on an experience with a student with intellectual disabilities from the public school system in the city of João Pessoa. This interventional field research is the product of the experiences experienced in the Supervised Internship in Special Education of the Pedagogy Course at the Federal University of Paraíba and through it we brought to work the importance that affectivity has on the student's inclusion and learning process. with disabilities. As results of the study, we highlighted and looked for the elements that constitute drivers and those that constitute barriers to the affectivity, inclusion and learning of students with disabilities. The contributions of this study to the area are significant, as they highlight in a directive and practical way aspects that can impact the process of inclusion, development and learning through empathy and affection.

Keywords: affectivity; learning; inclusion.

RESUMEN

Esta investigación tiene como objetivo analizar los aportes de la afectividad en el proceso de inclusión y aprendizaje de estudiantes con discapacidad. La investigación suscita discusiones sobre este tema, fomentando reflexiones sobre el aprendizaje y la inclusión efectiva de estos estudiantes en el ambiente escolar y cómo la escuela constituye un espacio de conocimiento y una relación socioemocional tan importante. Así, explicamos la necesidad de reflexionar sobre prejuicios, estigmas, estereotipos y capacitismos que deben alejarse del ámbito escolar, destacando al estudiante no a través de sus limitaciones, sino a través de sus habilidades y capacidades de desarrollo. El abordaje metodológico se realizó a través de un enfoque cualitativo de carácter descriptivo exploratorio, pues se realizó una revisión bibliográfica y documental, seguido de una investigación de campo intervencionista. En los resultados y discusiones, se plantean interrogantes sobre estrategias y acciones didáctico-pedagógicas que pueden promover la inclusión, el afecto y el aprendizaje a partir de una experiencia con un estudiante con discapacidad intelectual del sistema escolar público de la ciudad de João Pessoa. Esta investigación de campo intervencionista es producto de las experiencias vividas en la Práctica Supervisada en Educación Especial del Curso de Pedagogía de la Universidad Federal de Paraíba y a través de ella trajimos a trabajar la importancia que realmente tiene la afectividad en el proceso de inclusión y aprendizaje del estudiante. Como resultados del estudio, destacamos y buscamos los elementos que constituyen impulsores y aquellos que constituyen barreras para la afectividad, la inclusión y el aprendizaje de los estudiantes con discapacidad. Los aportes de este estudio al área son significativos, pues resaltan de manera directiva y práctica aspectos que pueden impactar el proceso de inclusión, desarrollo y aprendizaje a través de la empatía y el afecto.

Palabras clave: afectividad; aprendizaje; inclusión.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ONU	Organização das Nações Unidas
LDB	Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional
PCN	Parâmetros Curriculares Nacionais
AEE	Atendimento Educacional Especializado
EMEF	Escola Municipal de Ensino Fundamental
EJA	Educação de Jovens e Adultos
PDI	Plano de Desenvolvimento Individual
PPP	Projeto Político Pedagógico

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	13
2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	18
2.1 A INCLUSÃO DOS ESTUDANTES COM DEFICIÊNCIA E A AFETIVIDADE NO PROCESSO DE APRENDIZAGEM	18
2.2 A IMPORTÂNCIA DA AFETIVIDADE COMO BASE NO PROCESSO DE INCLUSÃO E APRENDIZAGEM	28
3. METODOLOGIA	35
3.1 APRESENTAÇÃO DA PESQUISA DE CAMPO	36
4. RESULTADOS E DISCUSSÕES	43
4.1 APRESENTAÇÃO DA INTERVENÇÃO PEDAGÓGICA	45
4.2 ELEMENTOS IMPULSIONADORES E AS BARREIRAS À AFETIVIDADE E INCLUSÃO	64
4.3 A PRÁTICA PEDAGÓGICA AFETIVA COMO ELO ENTRE A APRENDIZAGEM E INCLUSÃO	70
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	77
REFERÊNCIAS	80

1 INTRODUÇÃO

A presente pesquisa traz as contribuições e a importância que a afetividade tem no processo de inclusão e aprendizagem dos estudantes com deficiência a partir das experiências vividas ao longo dos estágios supervisionados e em especial o Estágio Supervisionado em Educação especial.

Deste modo, entendemos que a pedagogia afetiva utiliza o vínculo emocional para aperfeiçoar o processo de ensino-aprendizagem. Esse modelo considera que o afeto é inerente ao ser humano. Sendo assim, o desenvolvimento cognitivo e afetivo de uma criança anda juntos e para isso a educação tem que ser humanizada e inclusiva. Assim, destacamos que:

[...] a educação moderna está em crise, porque não é humanizada, separa o pensador do conhecimento, o professor da matéria, o aluno da escola, enfim, separa o sujeito do objeto. Ela tem gerado jovens lógicos, que sabem lidar com números e máquinas, mas não com dificuldades, conflitos, contradições e desafios [...] (Cury, 2003, p.139).

Desta maneira, podemos compreender o quanto este assunto sobre a afetividade na educação especial é de extrema relevância, pois impacta diretamente no processo de ensino-aprendizagem dos estudantes com deficiência e sua inclusão no âmbito escolar. E neste trabalho nos debruçamos nesta temática, ainda não esgotada em âmbito prático e formativo. Pois, diante das pesquisas compreendemos que procuramos estabelecer vínculos com todos aqueles que nos cercam e na escola não é diferente e como os estudantes com deficiência necessitam ainda mais que esses vínculos sejam seguros e que levem em consideração o seu eu e não as suas dificuldades.

Sendo assim, entendemos que a aprendizagem não pode estar restrita apenas ao domínio de conteúdos e habilidades, mas deve ir além contemplando o desenvolvimento integral do estudante, considerando suas emoções, necessidades, potencialidades, habilidades e especificidades. Nesse sentido, a afetividade se apresenta como elemento fundamental no processo educativo inclusivo e na aprendizagem significativa.

A relevância deste trabalho reside na necessidade de sensibilizar e capacitar os educadores para a importância da afetividade no processo educativo inclusivo e na

aprendizagem significativa de estudantes com deficiência. Ao evidenciar as contribuições desses elementos, espera-se fornecer subsídios teóricos e práticos para que os profissionais da educação possam criar ambientes de aprendizagem inclusivos, estimulantes e acolhedores para que todos os estudantes, independentemente de suas condições, possam aprender a partir de práticas pedagógicas mais assertivas.

É importante ressaltar que a educação inclusiva ainda apresenta muitos desafios e lacunas a serem superados. De acordo com Montoan, Prieto e Arantes (2006) ainda é comum encontrarmos práticas educativas que focam apenas nas limitações e deficiências dos estudantes, negligenciando seus potenciais e dificultando seu pleno desenvolvimento. Os autores nos trazem a reflexão de que os estudantes não podem ser desvalorizados ou inferiorizados por suas diferenças nas escolas.

A razão para nos debruçarmos ao estudo desta temática é de fato a importância e a contribuição que a afetividade tem mediante a inclusão e aprendizagem dos estudantes com deficiência. Esta pesquisa traz à tona para discussão e reflexão das instituições de ensino o quão a afetividade é importante neste processo cognitivo de novas aprendizagem dos estudantes com deficiência. E durante os estágios supervisionados da universidade identificamos o quanto uma prática pedagógica afetiva é imprescindível e vital para que o estudante com deficiência permaneça no âmbito educacional e do mesmo modo sinta-se parte integrante de um todo e assim tenha o seu desenvolvimento de forma integral.

Ao enfatizar a importância da afetividade e inclusão no processo de aprendizagem, este trabalho propõe uma mudança de perspectiva sobre a prática educacional na perspectiva inclusiva, que vai além de simplesmente oferecer acesso à escola e conteúdo de aprendizagem. Busca-se uma educação que considere os aspectos emocionais, sociais e individuais de cada estudante com deficiência, garantindo um aprendizado significativo, efetivo e integral.

Conforme Oliveira, Gonzaga e Lima (2015) o termo da Educação Inclusiva surgiu em 1994 com a Declaração de Salamanca (1994), que defende que nenhum ser humano pode ser excluído, mas que devem interagir com outras pessoas. Diante

disso entendemos que segregação e o capacitismo excluem os estudantes com deficiência e os fazem ficar a margens do conhecimento na educação.

A partir desta perspectiva buscamos responder a seguinte indagação: **Como a afetividade pode contribuir para o processo de ensino-aprendizagem e na inclusão dos estudantes com deficiência?**

Como **objetivo geral** este estudo visa analisar como a afetividade contribui no processo de aprendizagem e inclusão dos estudantes com deficiência.

E como **objetivos específicos** este estudo pretende:

- ✓ Conhecer os aspectos conceituais sobre a inclusão da criança com deficiência e a afetividade no processo de aprendizagem;
- ✓ Investigar a relação entre afetividade e inclusão no processo de aprendizagem dos estudantes com deficiência;
- ✓ Elencar elementos que se constituem impulsionadores e aqueles que se constituem como barreiras à afetividade e inclusão do estudante com deficiência.

Os resultados desta pesquisa trouxeram subsídios para que educadores e demais profissionais da área possam promover práticas pedagógicas inclusivas, que valorizem as relações afetivas e garantam um processo de aprendizagem significativo e satisfatório para todos os estudantes, independente de suas diferenças, limitações e/ou habilidades. Pois, entendemos que a aprendizagem não pode estar restrita apenas ao domínio de conteúdos e habilidades, mas deve ir além, contemplando o desenvolvimento integral do estudante, considerando suas emoções, necessidades, potencialidades, habilidades e especificidades.

Deste modo, trazemos uma reflexão sobre as práticas educacionais vigentes e incentivamos com esta pesquisa a valorização das relações interpessoais, socioemocionais e a promoção da afetividade como mecanismos essenciais para o desenvolvimento integral dos estudantes com deficiência. Pois, o estudante ao chegar na escola se relaciona e assim vivencia muitas experiências que dependendo de como são feitas estas conexões, e se terá um ponto positivo ou negativo formado no cognitivo, emocional e psicológico do estudante.

Respaldamos esta reflexão em Cury (2008, p.48) quando afirma que:

[...] A afetividade deve estar presente na práxis do educador [...] os educadores apesar das dificuldades são insubstituíveis, porque a gentileza, a solidariedade, a tolerância, a inclusão, os sentimentos altruístas, enfim todas as áreas da sensibilidade, não podem ser ensinados por máquinas, e sim por seres humanos.

Diante do exposto, destacamos o quanto o papel do professor em sala de aula é muito importante, pois, é aquele que tem contato mais direto com estas crianças e assim exercem um papel fundamental na aprendizagem dela, pois é aquele mediador entre o conhecimento e a criança. Por isso a importância de conhecer, discutir e direcionar suas práticas em teorias no âmbito da educação especial, afetividade, educação socioemocional, deficiências e os processos de aprendizagem. Ou seja, ter uma formação continuada, com aprofundamentos na área de educação especial é imprescindível hoje para os professores do ensino regular, pois, o número de crianças com deficiências ingressando nas escolas só tende a aumentar e precisamos enquanto pedagogos estar preparados para de fato ensinar e incluir estes estudantes.

Portanto, a presente pesquisa se justifica pela importância de se compreender o papel da afetividade na inclusão de estudantes com deficiência, e como essa relação influencia seu desenvolvimento no processo de aprendizagem. Assim, esperamos contribuir para a construção de práticas pedagógicas afetivas, inclusivas, assertivas e eficientes que potencialize o pleno desenvolvimento de todos os estudantes com deficiência, através da valorização da afetividade e inclusão, independentemente das diferenças.

Desse modo, organizamos a pesquisa em Introdução três capítulos principais que são: Fundamentação Teórica, onde buscamos trazer para o contexto da pesquisa teóricos que fala a respeito deste tema; a Metodologia, que busca responder como foi feita esta pesquisa e o capítulo de Resultados e discussões, que é onde discutiremos sobre a pesquisa de campo interventiva, por conseguinte, as Considerações Finais.

Cada capítulo conta com seus respectivos subcapítulos. No capítulo de fundamentação teórica discutimos os aspectos conceituais sobre a inclusão dos estudantes com deficiência e a afetividade no processo de aprendizagem; a importância da afetividade como base no processo de aprendizagem e a inclusão do estudante com deficiência. No capítulo relativo aos Procedimentos Metodológicos apresentamos o tipo de pesquisa, o perfil traçado na metodologia, as abordagens e ferramentas utilizadas na pesquisa e o subcapítulo da apresentação da pesquisa de

campo. No capítulo relativo a Resultado e discussões, discutiremos os resultados da pesquisa de campo interventiva mediante a temática proposta e assim analisaremos a prática pedagógica afetiva, onde se olha o ser humano por completo e não nas suas dificuldades apenas. Destacamos os subcapítulos deste capítulo que são: Apresentação da intervenção pedagógica no campo de pesquisa; Elementos impulsionadores e as barreiras à afetividade e inclusão e a Prática pedagógica afetiva como elo entre a aprendizagem e inclusão. Subcapítulos onde tocamos em pontos importantes das práticas pedagógicas e o papel afetivo que o professor tem que ter na relação com o estudante com deficiência. E por fim, seguimos com as conclusões nas Considerações Finais como dito acima.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Afetividade e inclusão são elementos essenciais no processo de aprendizagem do estudante com deficiência. Discutiremos neste capítulo sobre os conceitos de inclusão e seus processos. Do mesmo modo sobre os conceitos de deficiência e afetividade e iremos explorar a importância histórica dos tais, com abordagem teórica e a relevância atual desses temas. Da mesma forma pontuamos como a escola tem um papel fundamental para a aprendizagem e inclusão com práticas pedagógicas afetivas e igualmente apresentaremos as relações que os autores apontam entre afetividade e inclusão no processo de aprendizagem.

Como aporte teórico a este estudo, destacamos alguns teóricos e autores que utilizamos nesta pesquisa, como: Piaget (2014), Wallon (1968), Vigotsky (2007), Stainback e Stainback (1999), Montoan (2003), Cury (2003), Bock e Colaboradores (1999), Dumard (2016), Diniz (2012) entre outros que contribuíram para a compreensão de como a afetividade é essencial no processo de inclusão e aprendizagem dos estudantes com deficiência. E como a inclusão deve ser feita de forma a considerar todas as necessidades desses estudantes.

2.1 A INCLUSÃO DOS ESTUDANTES COM DEFICIÊNCIA E A AFETIVIDADE NO PROCESSO DE APRENDIZAGEM

A inclusão dos estudantes com deficiência no processo de aprendizagem é um desafio que requer uma abordagem sensível e afetiva. Mais do que apenas adaptar o ambiente e os recursos para suas necessidades específicas, é essencial promover uma cultura de acolhimento e respeito, enxergando cada aluno como um indivíduo único em sua jornada educacional. E a afetividade desempenha um papel crucial nesse contexto, pois permite estabelecer vínculos de confiança, tornando-se base para a construção de uma relação pedagógica inclusiva, significativa e efetiva.

A partir do século XX, surgiram movimentos e conquistas significativas na questão de inclusão, como a Declaração Universal dos Direitos Humanos (1948), documento de base jurídica adotada pela Organização das Nações Unidas (ONU),

que defendem a igualdade de direitos para todas as pessoas, incluindo aquelas com deficiência.

A Conferência Mundial sobre Necessidades Educativas Especiais em 1994 em Salamanca, na Espanha, foi importante para despertar a necessidade de pensarmos em uma educação mais igualitária a todos, onde as crianças devem ter o acesso ao ensino gratuito, inclusivo de qualidade, que leve em consideração as necessidades de cada um, sem marginalizá-los, mas incluí-los de fato no âmbito escolar.

E a Lei de Diretrizes e Bases da Educação nacional (LDB -1996) vem para reforçar os princípios, políticas e práticas na área das necessidades educativas especiais, quando enfatiza no Art. 59 que “os sistemas de ensino assegurarão aos educandos com necessidades especiais: I – currículos, métodos, técnicas, recursos educativos e organização específicos, para atender às suas necessidades”. E é com base na LDB (1996), que em 1997 o Governo Federal publica os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), que orienta os sistemas educacionais, bem como os professores a transformarem as instituições de ensino em inclusivas, levando em consideração os aspectos da cidadania e democracia. Sobre isto ressaltamos que: “Os sistemas de ensino devem matricular todos os alunos, cabendo às escolas organizarem-se para o atendimento aos educandos com necessidades educacionais especiais, assegurando as condições necessárias para uma educação de qualidade para todos.” (Brasil, 2001).

Assim, salientamos o importante papel que todo corpo escolar tem frente a inclusão, pois:

O papel do professor, numa escola que se pauta nos princípios de uma Educação Inclusiva, é de facilitador no processo de busca de conhecimento que parte do aluno. Ele é quem organiza situações de aprendizagem adequadas às diferentes condições e competências, oferecendo oportunidade de desenvolvimento pleno para todos os alunos. (Poker. Martins, Oliveira; Milanes; Giroto, 2013, p. 17).

Portanto a inclusão e aprendizagem é um processo que envolve a participação de todos os estudantes independentemente de suas características individuais. Ela pressupõe a diversidade como um valor e busca banir toda e quaisquer barreiras que impedem a participação dos estudantes com deficiência no ambiente escolar.

Assim,

No Brasil, a Constituição Federal (1988), a Lei de Diretrizes e Bases (LDB) nº 9.394/96, a Política Nacional de Educação Especial, as Diretrizes Nacionais para a Educação Especial (2001) e a Política Nacional de Educação Especial na perspectiva da inclusão (2008) salientam a importância de se respeitar o sujeito em sua totalidade, considerando suas diferenças e potencialidades, objetivando assegurar a ele o bem-estar físico e psíquico (Diniz; 2012, p. 10).

A Lei nº 13.146/2015, intitulada Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência) reforça a importância da inclusão no ambiente escolar, garantindo direitos e oferecendo suporte à participação dos estudantes com deficiência. Em linhas gerais, a lei estabelece que todas as pessoas têm direito à igualdade de oportunidades, independentemente de suas diferenças e necessidades. Ela reconhece a pessoa com deficiência como sujeito de direitos e estabelece a obrigação do Estado e da sociedade em assegurar condições de igualdade e acessibilidade. Abordando diversos aspectos relacionados à inclusão, como a acessibilidade em espaços físicos e virtuais, o direito à educação inclusiva, o acesso ao trabalho e ao emprego, o direito à saúde e à reabilitação, entre outros e que seu cumprimento é fundamental para construir uma sociedade mais justa e inclusiva.

No que diz respeito à educação, esta lei determina que as pessoas com deficiência têm o direito de serem incluídas em escolas regulares, respeitando suas particularidades e necessidades específicas. Ela estabelece a obrigação de promover a adaptação curricular, o fornecimento de recursos de acessibilidade e a garantia de um ambiente escolar inclusivo.

Sobre a igualdade e a não discriminação, destacamos:

CAPÍTULO II - DA IGUALDADE E DA NÃO DISCRIMINAÇÃO - Art. 4º Toda pessoa com deficiência tem direito à igualdade de oportunidades com as demais pessoas e não sofrerá nenhuma espécie de discriminação. § 1º Considera-se discriminação em razão da deficiência toda forma de distinção, restrição ou exclusão, por ação ou omissão, que tenha o propósito ou o efeito de prejudicar, impedir ou anular o reconhecimento ou o exercício dos direitos e das liberdades fundamentais de pessoa com deficiência, incluindo a recusa de adaptações razoáveis e de fornecimento de tecnologias assistivas. [...] Art. 7º É dever de todos comunicar à autoridade competente qualquer forma de ameaça ou de violação aos direitos da pessoa com deficiência. Parágrafo único. Se, no exercício de suas funções, os juízes e os tribunais tiverem conhecimento de fatos que caracterizem as violações previstas nesta Lei, devem remeter peças ao Ministério Público para as providências cabíveis. Art. 8º É dever do Estado, da sociedade e da família assegurar à pessoa com deficiência, com prioridade, a efetivação dos direitos referentes à vida, à saúde, à sexualidade, à paternidade e à maternidade, à alimentação, à

habitação, à educação, à profissionalização, ao trabalho, à previdência social, à habilitação e à reabilitação, ao transporte, à acessibilidade, à cultura, ao desporto, ao turismo, ao lazer, à informação, à comunicação, aos avanços científicos e tecnológicos, à dignidade, ao respeito, à liberdade, à convivência familiar e comunitária, entre outros decorrentes da Constituição Federal [...] (Brasil, 2015).

Diante disso, destacamos abaixo o artigo da Lei Brasileira de Inclusão da pessoa com deficiência (Lei nº 13.146/2015) que fala sobre a educação das pessoas com deficiência.

CAPÍTULO IV – Do Direito à Educação Art. 27. A educação constitui direito da pessoa com deficiência, assegurado sistema educacional inclusivo em todos os níveis e aprendizado ao longo de toda a vida, de forma a alcançar o máximo desenvolvimento possível de seus talentos e habilidades físicas, sensoriais, intelectuais e sociais, segundo suas características, interesses e necessidades de aprendizagem. 20 Estatuto da Pessoa com Deficiência Parágrafo único. É dever do Estado, da família, da comunidade escolar e da sociedade assegurar educação de qualidade à pessoa com deficiência, colocando-a a salvo de toda forma de violência, negligência e discriminação (Brasil, 2015).

Contudo, podemos entender que a inclusão do estudante com deficiência deve ser na escola regular e não em escolas especiais segregando esses estudantes, pois a norma considera que só assim esses estudantes terão um pleno desenvolvimento, tendo em conta suas habilidades e não deficiência.

Para que a inclusão aconteça é necessário práticas pedagógicas estratégicas que contemplem a inclusão no ambiente escolar como um todo. Pois, a

Inclusão e participação são essenciais à dignidade humana e aos gozos e exercício dos direitos humanos. No campo da educação, tal se reflete no desenvolvimento de estratégias que procuram proporcionar uma equalização genuína de oportunidades. A experiência em muitos países demonstra que a integração das crianças e dos jovens com necessidades educativas é mais eficazmente alcançada em escolas inclusivas que servem a todas as crianças de uma comunidade (Unesco, 1994, p. 05).

Salientamos que o sistema educacional deve proporcionar a inclusão desses estudantes em todos os níveis sem discriminação. E onde as ações pedagógicas devem ser de verdade afetiva para que o distanciamento e desconexão entre professor e estudante não ocorra dificultando o processo de aprendizagem.

Diante do exposto destacamos que:

A vida afetiva e a vida cognitiva são, portanto, inseparáveis, embora distintas. Elas são inseparáveis porque qualquer intercâmbio com o meio supõe, ao mesmo tempo, uma estruturação e uma valorização, sem deixarem de ser menos distintas, já que esses dois aspectos da conduta não podem se reduzir um ao outro. [...] Reciprocamente, os

elementos perceptivos ou intelectuais – suscetíveis de serem encontrados em todas as manifestações emocionais – suscitam o interesse da vida cognitiva, à semelhança do que ocorre com qualquer outra reação perceptiva ou inteligente. O que o senso comum designa por “sentimentos” e “inteligência”, considerando-os como duas “faculdades” opostas uma à outra, são simplesmente as condutas relativas às pessoas e aquelas que incidem sobre as ideias ou as coisas: mas em cada uma dessas condutas intervêm os mesmos aspectos afetivos e cognitivos da ação – aspectos sempre reunidos de fato e que, de modo algum, caracterizam faculdades independentes (Piaget, 2013, p. 30).

Percebemos que a afetividade na aprendizagem é um conceito amplo que engloba as experiências emocionais, motivacionais e relacionais vivenciadas pelos estudantes durante o processo de aprendizagem. Salientamos que:

O importante é compreender que a vida afetiva – emoções e sentimentos – compõe o homem e constitui um aspecto de fundamental importância na vida psíquica. As emoções e os sentimentos são como alimentos de nosso psiquismo e estão presentes em todas as manifestações de nossa vida. Necessitamos deles porque dão cor e sabor a nossa vida, orientam-nos e nos ajudam nas decisões (Bock; Colaboradores, 1999, p. 198).

Deste modo, podemos dizer que:

Afetividade é carinho pelo outro, saber ouvir, respeitar; acredito que afetividade é toda atenção prestada a alguém, de forma carinhosa, amorosa; A capacidade de lidar com os sentimentos nas relações sociais; carinho, respeito, bem querer, identificação mútua estabelecida em uma relação[...] a dimensão afetiva ocupa lugar central tanto do ponto de vista da construção da pessoa quanto do conhecimento, sendo que a emoção tem a função mediadora nessa relação. O processo de desenvolvimento infantil realiza-se nas interações que objetivam não só a satisfação das necessidades básicas como também a construção de novas relações sociais, com o predomínio da emoção sobre as demais atividades (Murgo; Alves; Francisco, 2016, p. 212).

Desta forma, devemos distinguir o ato afetivo das manifestações do sentimento de paixão e emoção. De certo que o desenvolvimento do indivíduo depende do ser orgânico e do ser social. Assim, corroboramos com Almeida (2008) que:

[...] a afetividade deve ser distinguida de suas manifestações, diferenciando-se do sentimento, da paixão e da emoção. Em outras palavras, afetividade é o termo utilizado para identificar um domínio funcional abrangente e, nesse domínio funcional, aparecem diferentes manifestações: desde as primeiras, basicamente orgânicas, até as diferenciadas como as emoções, os sentimentos e as paixões. O seu desenvolvimento depende da ação de dois fatores: o orgânico e o social. [...] A afetividade que inicialmente é determinada basicamente pelo fator orgânico passa a ser fortemente influenciada pela ação do meio social[...] (Almeida, 2008, p. 346 - 347).

Diante disso, evidenciamos o que Antônio (2014) fala que até a década de 90 a afetividade como parte da aprendizagem não era muito estudada. Sendo mais

estudado no campo da psicologia a partir dos anos de 1990. Mas que ao longo dos anos as licenciaturas foram observando a importância da afetividade para o aprendizado e a partir de então afetividade e a inclusão têm sido temas discutidos e debatidos no âmbito da educação.

Por conseguinte, o campo da psicologia, veio com a Teoria do Desenvolvimento Humano com Piaget (1973) que contribuiu significativamente para o campo da psicologia do desenvolvimento e assim para todas as licenciaturas consequentemente. Ele defendia a ideia de que o desenvolvimento cognitivo das crianças ocorre em estágios e que a afetividade desempenha um papel fundamental nesse processo. Segundo o autor, a afetividade está intrinsecamente ligada à aprendizagem, uma vez que as emoções e os sentimentos estão presentes em todas as interações humanas. Ele acreditava que a afetividade influencia a maneira como as crianças assimilam e acomodam as informações do mundo ao seu redor, desempenhando um papel significativo na forma como elas constroem o conhecimento, pois as emoções desempenham um papel crucial na construção do conhecimento, ressaltando a importância de considerar a dimensão afetiva no processo educacional.

Piaget (2014, p. 43) destacava que: “a afetividade desempenharia, então, uma fonte energética, da qual dependeria o funcionamento da inteligência, mas não suas estruturas [...]”. para o autor a afetividade no processo de aprendizagem é essencial, pois as emoções desempenham um papel crucial na forma como as crianças assimilam e acomodam novas informações. Ele acreditava que as experiências afetivas, tanto negativas quanto positivas, influenciam diretamente a maneira como as crianças percebem o mundo e lidam com os desafios. Logo podemos observar que suas contribuições foram fundamentais para o entendimento da relação entre afetividade e aprendizagem. Pois para Piaget (2014), o estado afetivo desempenha papel fundamental no fator cognitivo e vice-versa, onde e “[...] se mesclam cada vez mais com a inteligência.” (Piaget, 2014, p. 40).

Em Piaget (1973), percebemos que seus estudos sobre o pensamento na infância têm a ver com tudo o que cerca a criança e isso nos ajuda a compreender um pouco como se desenvolve psicologicamente o cognitivo delas nas fases iniciais do desenvolvimento da aprendizagem, nos trazendo a relevância que o meio social e cultural tem neste desenvolvimento e o afeto está intrinsicamente nessas relações

sociais com o meio e a escola tem um papel essencial nisso. Pois para o autor as emoções e sentimentos são elementos inseparáveis do processo de aprendizagem.

De acordo com Piaget (1967), compreende-se que “se a criança sente necessidade de socializar seu pensamento, esta necessidade deve, na verdade, poder satisfazer-se por completo quando a criança tem amigos de sua idade, que ela vê diariamente, e com os quais ela brinca sem constrangimentos e sem se policiar”.

Para Vigotsky (2022), as interações sociais e as relações afetivas são mediadoras no desenvolvimento do estudante, sendo essenciais para promover a aprendizagem significativa. Ou seja, podemos destacar aqui que a interação que o estudante com deficiência tem com seu professor e as relações afetivas entre eles é quem vai mediar o seu aprendizado. Por isso a relevância de trazer a afetividade ao nosso dia a dia docente. Porque percebemos que de fato as relações afetivas entre professor e aluno media o aprendizado. Como o próprio teórico enfatiza que “a educação das pessoas com deficiência se organiza pelos princípios da “educação social” (Vigotsky, 2021, p. 30).

Assim, Segundo Vigotsky (2007), a afetividade desempenha um papel fundamental na constituição do sujeito, influenciando diretamente o desenvolvimento cognitivo e nas interações sociais e culturais. O autor destaca que:

[...] embora o aprendizado esteja diretamente relacionado ao curso do desenvolvimento da criança, os dois nunca são realizados em igual medida ou em paralelo. O desenvolvimento das crianças nunca acompanha o aprendizado escolar da mesma maneira como uma sombra acompanha o objeto que o projeta. Na realidade, existem relações dinâmicas altamente complexas entre os processos de desenvolvimento e de aprendizado, as quais não podem ser englobadas por uma formulação hipotética imutável. (Vygotsky, 2007, p. 104).

Para o autor, a afetividade está presente nas relações entre as pessoas, promovendo a cooperação e a troca de experiências. Ele acreditava que a aprendizagem ocorre por meio da interação e do diálogo entre o indivíduo e o meio social, onde os aspectos afetivos são essenciais para esse processo.

Vigotsky (2007) argumentava que a afetividade está profundamente enraizada na interação social, sendo fundamental, pois as emoções e os sentimentos positivos promovem a motivação, o envolvimento e a disposição para aprender, criando um ambiente propício para obtenção de novos conceitos e habilidades. Pois, a interação

com outras pessoas, por meio do diálogo e da colaboração, permite que a criança internalize conceitos mais avançados, alcançando um nível de desenvolvimento além do seu estágio atual enfatizando a importância dos processos sociais e culturais no aprendizado. Suas obras como: “A Formação Social da Mente” (1998/2007), “O desenvolvimento psicológico na infância” (1998), “Pensamento e Linguagem” (1989/1993/2008), “A Construção do Pensamento e da Linguagem” (2009), “Psicologia pedagógica” (2010) e “Obras Completas. Tomo Cinco Fundamentos de Defectologia” (2022), são fundamentais para entendermos que a afetividade de fato é fundamental para uma aprendizagem ativa e para a inclusão, pois é nas interações sociais e culturais que o sujeito se desenvolve.

Diante do exposto, destacamos que:

O trabalho do pedagogo deve consistir não só em fazer com que os alunos pensem e assimilem geografia, mas também a sintam(...) Antes de comunicar esse ou aquele sentido, o mestre deve suscitar a respectiva emoção do aluno e preocupar-se com que essa emoção esteja ligada a um novo conhecimento. (Vigotsky, 2010, p. 144).

De igual modo trazemos Wallon (1968) e ressaltamos que para o autor as emoções são indispensáveis para o processo educativo, pois as emoções não se dissociam da razão e assim influenciam a forma como os estudantes aprendem e se relacionam com os conteúdos escolares. Para o autor a afetividade é uma dimensão que engloba as emoções biológicas, que para ele é o vínculo inicial do recém-nascido com o meio e engloba os sentimentos que são de origem psicológica.

Logo destacamos que:

As emoções consistem essencialmente em sistemas de atitudes que correspondem, cada uma, a uma determinada espécie de situação. Atitudes e situação correspondente implicam-se mutuamente, constituindo uma maneira global de reagir de tipo arcaico, frequente na criança. [...] Daqui resulta que, muitas vezes, é a emoção que dá o tom ao real. (Wallon, 1968, p. 140).

O autor destaca a importância da afetividade no desenvolvimento humano e a inter-relação entre a afetividade, o movimento e o pensamento. Para ele, a afetividade é um aspecto fundamental no processo de aprendizagem e no desenvolvimento global da criança. Ele acreditava que as emoções e os sentimentos desempenham um papel central tanto na regulação do comportamento quanto na construção do conhecimento. Enfatizava que a relação intrínseca entre a afetividade, o movimento, pensamentos, emoções e os sentimentos têm um impacto direto no comportamento, na atenção e

na capacidade de aprendizado do indivíduo. Através das interações afetivas é que somos estimulados a explorar o ambiente e a experimentar o movimento, o que, por sua vez, promove a construção do conhecimento. Logo, a relação entre ação, afetividade e pensamento. E diante disso o autor nos mostra como as experiências afetivas e as ações da criança influenciam o desenvolvimento do pensamento. Assim salientamos que:

É contra a natureza tratar a criança fragmentariamente. Em cada idade, ela constitui um conjunto indissociável e original. Na sucessão de suas idades, ela é um único e mesmo ser em curso de metamorfoses. Feita de contrastes e de conflitos, a sua unidade será por isso ainda mais susceptível de desenvolvimento e de novidade. (Wallon, 2007, p. 198).

Dito isto, corroboramos com Wallon (1968, p. 53) quando diz que [...] “o indivíduo é constituído pela interação de quatro grandes níveis funcionais: a afetividade, a inteligência, o ato motor e a pessoa. São estes quatro níveis interrelacionados que, ao se desenvolverem, dão origem ao ser humano completo.”

Assim a dimensão biológica e social é indissociável, onde a emoção e a cognição coexistem mutualmente no processo de desenvolvimento do sujeito. Para Wallon (1975), a afetividade pode ser dividida em diferentes aspectos: o afeto como componente básico da motivação, a emoção como resposta momentânea a um estímulo, e o sentimento como estado duradouro e construído ao longo do tempo. Todos esses aspectos estão intrinsecamente ligados à aprendizagem, influenciando a forma como os estudantes se envolvem com os conteúdos escolares.

Ou seja, o vínculo emocional que uma pessoa desenvolve com os objetos culturais dependerá de suas experiências anteriores com esses objetos, especialmente das interações sociais que ocorrem durante essas experiências. Isso significa que a presença de outras pessoas nas relações sociais como os professores por exemplo, desempenhará um papel significativo na forma como uma pessoa se conecta e desenvolve afetos em relação a esses objetos. Onde:

Vale ressaltar, ainda, que para Wallon o desenvolvimento não se encerra no estágio da adolescência, mas permanece em processo ao longo de toda a vida do indivíduo. Afetividade e cognição estarão, dialeticamente, sempre em movimento, alternando-se nas diferentes aprendizagens que o indivíduo incorporará ao longo de sua vida. (Gratiot-Alfandéry, 2010, p. 36).

As pesquisas Walloniana contribuíram muito para entendermos mais sobre a afetividade e desenvolvimento da inteligência, onde a escola e o professor têm um papel fundamental neste desenvolvimento.

Desta maneira, entendemos o quão é importante que o estudante se socialize independente de sua condição. Tais conexões são importantes para que o estudante com deficiência também se desenvolva. Conforme Cury (2003, p. 78) destaca que; “O afeto e a inteligência curam as feridas da alma, reescrevem as páginas fechadas do inconsciente.”

Consequentemente, Cury (2003), nos mostra a necessidade de sermos professores para além das teorias garantindo assim o conhecimento de maneira plena e igualitária a todos os estudantes através de uma educação mais afetiva com práticas socioemocionais na educação que vai além dos currículos engessados, onde não somos apenas bons professores, mas nos tornamos professores fascinantes.

Correlacionando com o que Stainback e Stainback (1999) fala sobre a importância da afetividade no processo de aprendizagem inclusiva enfatizando que a afetividade desempenha um papel fundamental para um ambiente educacional acolhedor, proporcionando nos estudantes um sentimento de pertencimento e segurança. Para os autores, a afetividade está intrinsecamente ligada ao desenvolvimento emocional dos estudantes e é ela que contribui para a construção de relações saudáveis entre eles e os colegas e eles e os professores.

Perante o exposto, destacamos que a afetividade proporciona um contexto educacional favorável para a expressão de sentimentos, bem como emoções e necessidades, onde os estudantes se sintam valorizados, compreendidos, parte de um todo, incluídos no processo de aprendizagem que os estimula e traz segurança. Por seguinte, enquanto docentes devemos reconhecer e valorizar a afetividade em nossas práticas pedagógicas, para então termos uma aprendizagem e inclusão efetiva, favorecendo o desenvolvimento pleno dos estudantes com deficiência, no qual a sala de aula deve ser um ambiente de respeito e afeto mútuo.

De igual modo, podemos afirmar que:

A afetividade visa à adaptação, assim como toda conduta é fator fundamental na socialização. O desequilíbrio da afetividade evidencia que há uma impressão particularizada e a tomada de consciência de que existe uma necessidade.

Em cada nível de desenvolvimento, observamos que há um equilíbrio progressivo e, neste sentido, se faz necessário que a afetividade e a inteligência sejam estudadas no processo de desenvolvimento do indivíduo. (Dumard, 2016, p. 36).

Diante disso, compreendemos que este tema é essencial para ser debatido no ambiente educacional, visto que a:

[...] “Afetividade está ligada à autoestima e às formas de relacionamento entre aluno e aluno e professor-aluno. Um professor que não seja afetivo com seus alunos fabricará uma distância perigosa, criará bloqueios com os alunos e deixará de estar criando um ambiente rico em afetividade.” (Costa e Souza, 2006, p. 12).

A vista disso, vemos o quanto o papel do professor também é fundamental no processo de aprendizagem dos estudantes (destacamos os estudantes com deficiência). Logo, considerando esses pontos, é fundamental compreender a afetividade e a inclusão como elementos fundamentais no processo de aprendizagem do estudante com deficiência.

2.2 A IMPORTÂNCIA DA AFETIVIDADE COMO BASE NO PROCESSO DE INCLUSÃO E APRENDIZAGEM

A afetividade desempenha um papel fundamental no processo de aprendizagem, especialmente quando se trata da inclusão de estudantes com deficiência. Diversos teóricos têm enfatizado a importância de criar um ambiente acolhedor e afetivamente positivo para que esses estudantes se sintam motivados e engajados para sua aprendizagem. Pois como Cury (2003, p.107) destaca, “a qualidade das informações e experiências registradas poderá transformar a memória num solo fértil ou num solo árido, sem criatividade.”

De acordo com Piaget (1971), as questões afetiva e cognitiva estão interligadas e uma depende da outra. Desta forma, podemos afirmar que quando não há um fazer pedagógico afetivo, o cognitivo de seus estudantes é afetado e isto em si tratando de estudantes com deficiência causa uma lacuna ainda maior para eles. Por isso, a afetividade é tão relevante no processo de aprendizagem. Para o autor, “a vida afetiva, como a vida intelectual é uma adaptação contínua e as duas adaptações são, não somente paralelas, mas interdependentes, pois os sentimentos exprimem os

interesses e os valores das ações, das quais a inteligência constitui a estrutura.” (PIAGET, 1971, p. 271).

Perante o exposto, ressaltamos o que Taille (2019) discursa em relação a essa questão afetiva e cognitiva sob a ótica de Piaget que:

Quando se trata de analisar o domínio dos afetos, nada parece haver de muito misterioso: a afetividade é comumente interpretada como uma “energia”, portanto como algo que impulsiona as ações. Vale dizer que existe algum interesse, algum móvel que motiva a ação. O desenvolvimento da inteligência permite, sem dúvida, que a motivação possa ser despertada por um número cada vez maior de objetos ou situações. Todavia, ao longo desse desenvolvimento, o princípio básico permanece o mesmo: a afetividade é a mola propulsora das ações, e a Razão está a seu serviço (Taille; Oliveira; Dantas, 2019, p. 77).

Nesta situação, deduzimos que a afetividade pode ser compreendida como a ação que move algo e a razão seria a possibilidade que o sujeito tem de identificar sentimentos, desejos e assim obter êxito nas ações (afetividade). Logo pressupomos que a ação afetiva do professor para com o estudante o auxilia no desenvolvimento de sua inteligência.

Assim, Piaget (2013) expõe que desde o nascimento nos relacionamos com o meio social e isso modifica de certa forma o ser humano. “Com toda a evidência, portanto, a vida social transforma a inteligência pela tripla mediação da linguagem (signos), do conteúdo dos intercâmbios (valores intelectuais) e de regras impostas ao pensamento (normas coletivas lógicas ou pré-lógicas).” (Piaget, 2013, p. 182).

Ou seja, o desenvolvimento cognitivo dos estudantes passa pelas relações sociais onde se tem emoções e sentimentos, por isso é tão importante o fato de fazermos com que eles se sintam parte do processo de aprendizagem, dando-lhes confiança e segurança. Tendo práticas pedagógicas, onde o objetivo seja fazer com que os nossos alunos se tornem pessoas melhores. Pois já que o meio transforma de certa forma o indivíduo, que enquanto docentes tenhamos práticas afetivas transformadoras e empáticas.

Destacamos sobre o dito acima o que Mello e Rubio (2013, p.5) nos traz que de fato a afetividade “está sempre presente nas experiências vividas pelas pessoas, no relacionamento com o “outro social”, por toda sua vida, desde seu nascimento.” Os autores afirmam que o êxito da educação passa por uma rotina escolar afetiva, pois para o mesmo o afeto é uma força singular de caráter subjetivo do indivíduo.

Além disso, Piaget (2014) ao longo de suas obras ressalta que a afetividade é um dos principais fatores que influenciam a motivação dos estudantes para o desempenho da inteligência. Para ele, o envolvimento emocional positivo com o processo de aprendizagem favorece a assimilação e acomodação de novos conhecimentos, garantindo uma maior retenção e internalização dos conteúdos. Para os estudantes com deficiência, a afetividade se torna ainda mais relevante, pois pode ajudar a minimizar o sentimento de incapacidade e fortalecer a autoestima, permitindo que esses estudantes desenvolvam uma identidade mais positiva diante das dificuldades enfrentadas. Isso nos mostra que a afetividade está ligada nas relações sociais. Mas para que o estudante interaja com os outros, o ambiente tem que estar propício e assim gere um bom convívio entre todos.

Salvador (1999) refletindo sobre as ideias de Vigotsky sobre os fatores do desenvolvimento humano, evidencia que para Vigotsky os fatores biológicos, sociais e culturais são de uma interação complexa, autêntica, porém mútua. Diante disso, podemos entender que os estudantes com deficiência necessitam de fato de um ambiente escolar afetivo que visa suas habilidades e lhes traz a segurança de serem incluídos e respeitados, pois refletindo sobre o ponto de vista do autor entendemos que a inclusão e aprendizagem só serão possíveis mediante a uma interação afetiva sobre o ser biológico, social e cultural. Ou seja, o plano social passa para o plano mental e mecanismo de interiorização faz com que o indivíduo avance em seu desenvolvimento e na interação educativa com o outro.

Como dialogamos anteriormente, para Vigotsky (1978), a afetividade exerce um papel central na construção do conhecimento, pois é por meio das relações afetivas que as interações sociais se estabelecem, proporcionando um ambiente favorável ao desenvolvimento das habilidades cognitivas dos estudantes com deficiência. O teórico enfatiza que o contexto emocional é essencial para que a aprendizagem ocorra e que, para esses estudantes, a afetividade se torna ainda mais importante, pois ajuda a superar possíveis barreiras iniciais e promove a inclusão efetiva no ambiente escolar.

Assim, é importante ressaltar sobre as contribuições que Augusto Cury (2003) nos traz neste sentido, onde destaca a importância da empatia na relação entre professor e estudante. O autor salienta que o conhecimento só é transmitido quando há uma relação afetiva pautada no respeito, compreensão e valorização do outro. Ele

defende que é preciso ampliar o olhar sobre o estudante com deficiência, reconhecendo suas potencialidades e valorizando suas conquistas, de modo a criar um ambiente de apoio e estímulo para sua aprendizagem. E a marca do professor fascinante está exatamente em ser o mestre da sensibilidade que fala ao coração do aprendiz.

Cury (2012) destaca que a afetividade é fundamental para uma educação que desenvolva a inteligência emocional e a resiliência dos estudantes. Segundo ele, "a emoção é a cola que estrutura a aprendizagem, concretiza o conhecimento e promove a empatia e a solidariedade" (Cury, 2012, p. 103).

Dessa forma, a afetividade se torna essencial para promover a inclusão e a participação ativa de todos os estudantes no contexto educacional independentemente de suas habilidades e/ou diferenças. Pois é através dela que são construídas relações de respeito, empatia e valorização da diversidade, proporcionando ao estudante aquele sentimento de pertencimento estabelecendo laços de amizade e cooperação entre os estudantes.

Coadunando-se a esta reflexão, Dumard (2016) aponta que

[...] cada estudante é um indivíduo único e que está construindo sua identidade pessoal e social. Isso faz com que o ambiente educativo seja um meio no qual as inúmeras e dinâmicas trocas entre os pares aconteçam tanto estimulando, quanto desmotivando a aprendizagem. (Dumard, 2016, p. 10).

Desta forma, criar um ambiente acolhedor e afetivamente positivo, onde o estudante se sinta motivado e engajado em sua aprendizagem, é fundamental para o desenvolvimento de suas habilidades cognitivas e para o fortalecimento de sua autoestima. Além disso, a afetividade também é indispensável para a construção de relações de respeito, empatia e valorização da diversidade, promovendo a inclusão e a participação ativa de todos os estudantes no ambiente escolar.

Após analisar as citações dos autores sobre a importância da afetividade no processo de aprendizagem e inclusão do estudante com deficiência, podemos concluir que a afetividade desempenha um papel central tanto na construção do conhecimento na aprendizagem, quanto na motivação dos estudantes para estar no ambiente escolar. E é por meio dessas relações afetivas que as interações sociais se estabelecem, proporcionando um ambiente favorável ao desenvolvimento das habilidades cognitivas dos estudantes com deficiência, conforme apontado por

Vigotsky (1978). Portanto, é essencial criar um ambiente acolhedor e afetivamente positivo, onde esses estudantes se sintam motivados e engajados em sua aprendizagem.

Stainback e Stainback (1999) ressaltam a importância da afetividade no processo de aprendizagem inclusiva. Segundo os autores, a afetividade é fundamental para estabelecer uma relação positiva entre professores e alunos, garantindo um ambiente acolhedor e favorável ao desenvolvimento das potencialidades e habilidades de cada estudante, dando-lhes suporte, garantia e acesso aos recursos educacionais.

Além disso, a afetividade contribui para o fortalecimento da autoestima e da autoconfiança dos alunos, aspectos essenciais para que eles se sintam motivados a participar ativamente das atividades escolares. Os autores também destacam a necessidade de garantir que todos os alunos sejam incluídos de forma plena e igualitária no ambiente escolar. Pois para eles, a inclusão vai além de apenas matricular os estudantes com deficiência em escolas regulares, mas sim garantir que eles tenham acesso às mesmas oportunidades e recursos educacionais que os demais alunos da rede comum de ensino têm.

Como pontuado por Stainback e Stainback (1999), a inclusão é um movimento baseado nos direitos humanos e na crença de que todos os alunos têm o direito de receber uma educação de qualidade em escolas regulares. Eles afirmam que a inclusão implica em ensinar todos os alunos juntos, considerando e atendendo suas diferentes necessidades. Segundo os autores, "significa encontrar maneiras de ensinar todos os alunos juntos, reconhecendo suas diversas necessidades e fornecendo suporte individualizado quando necessário" (Stainback; Stainback, 1999, p. 42).

Os autores acima ressaltam a importância dos direitos humanos na inclusão e a necessidade de abordagens pedagógicas que considerem e atendam às necessidades individuais dos alunos, visando a promoção de uma educação inclusiva e de qualidade, onde todas as diferenças são deixadas de lado e onde o estudante é o centro da aprendizagem. E a afetividade é fundamental para se construir laços de confiança e aceitação entre professor e estudante.

Então, segundo Stainback e Stainback (1999) é necessário romper com paradigmas que excluem os estudantes com deficiência e que haja a promoção de uma abordagem inclusiva que reconheça e valorize a diversidade dos estudantes. Dando-lhes uma educação de qualidade em uma escola regular, dando-lhes apoio individualizado quando for necessário. Citamos:

A inclusão exige uma mudança na perspectiva tradicional de ensino, em que os alunos com deficiência eram excluídos ou segregados. É necessário adotar uma abordagem centrada na diversidade, que valorize as capacidades e as potencialidades de cada aluno, e que promova a participação e o envolvimento de todos, independentemente de suas diferenças. A inclusão não é apenas uma questão de direitos humanos, mas também um caminho para a melhoria da qualidade da educação para todos (Stainback; Stainback, 1999, p. 42).

A partir destes aportes teóricos, consideramos de primordial que haja uma abordagem educacional onde se respeite as singularidades dos alunos e promova a inclusão efetiva e igualitária de todos no processo educativo.

A inclusão no processo de aprendizagem demanda uma abordagem personalizada, na qual é essencial reconhecer e atender às necessidades individuais de cada aluno. Isso implica em desenvolver estratégias pedagógicas adaptadas às especificidades de cada estudante, valorizando suas habilidades e respeitando suas limitações. É necessário superar os paradigmas tradicionais de ensino e adotar práticas inclusivas que promovam a participação ativa e colaborativa de todos, independentemente das diferenças (Stainback; Stainback, 1999, p. 56).

Portanto voltamos a enfatizar que a inclusão requer uma abordagem pedagógica afeto-inclusiva, que proporcione oportunidades de aprendizagem para todos os alunos com igualdade de oportunidades, independentemente de suas características individuais, promovendo o ensino conjunto de todos os alunos, onde a afetividade tem um papel essencial. Pois, “a qualidade das informações e experiências registradas poderá transformar a memória num solo fértil ou num solo árido, sem criatividade.” (Cury, 2003, p.107).

Diante desta reflexão da importância que a afetividade tem na educação como um todo, podemos compreender que ela “só é estimulada através da vivência, onde o professor/educador estabelece vínculos de afeto com o educando. Sabe-se que toda criança precisa de estabilidade emocional para aprender, e a afetividade é eficaz nesse processo” (Sousa, 2018, p. 15).

Desta maneira, compreendemos que o processo de aprendizagem e inclusão dos estudantes com deficiência necessita passar por uma prática pedagógica afetiva e para isso evidenciamos que:

[...] podemos dizer que a afetividade se constitui como um fator de grande importância na determinação da natureza das relações que se estabelecem entre os sujeitos (alunos) e os demais objetos de conhecimento (áreas e conteúdos escolares), bem como na disposição dos alunos diante das atividades propostas e desenvolvidas. (Leite, 2006, p. 24).

Logo ressaltamos que:

A afetividade essência máxima do ser humano, virtude pela qual é possível entrar no universo do outro, bem como, conquistá-lo, através do diálogo e da comunhão estabelecida entre si, expelindo segurança e confiança traduzidas em gestos e atitudes por esse outro. A afetividade é um aspecto fundamental no processo da formação integral do sujeito, assume influência positiva no desenvolvimento de sua personalidade. A construção da identidade do ser humano requer um conjunto de sensações e sentimentos que devem ser desenvolvidos harmonicamente, contribuindo para indivíduos mais afetivos e comunicáveis como também reflexivos, sensibilizados e empáticos a situação do seu próximo. (Oliveira, 2021, p. 46).

E é diante do exposto neste capítulo que reforçamos que uma prática pedagógica afetiva contribui e muito para a aprendizagem dos estudantes com deficiência, pois como vimos o afeto influencia o cognitivo e a inteligência. E a prática afetiva nas estratégias voltadas a inclusão destes alunos promove neles o senso de pertencimento que corrobora com a estruturação do conhecimento no cognitivo deles onde o vínculo é o afeto.

3. METODOLOGIA

A presente pesquisa possui abordagem qualitativa de caráter descritivo exploratório. Que traz uma pesquisa de campo interventiva sobre um estudante com deficiência intelectual da rede pública de ensino do município de João Pessoa. O recorte da pesquisa de campo interventiva é produto das experiências vivenciadas no Estágio Supervisionado em Educação Especial do Curso de Pedagogia da Universidade Federal da Paraíba.

De acordo com Gil (2019) a metodologia de pesquisa é o conjunto de procedimentos, técnicas e estratégias empregadas para se obter conhecimento sobre um determinado tema ou problema, onde a metodologia é o caminho para se alcançar os objetivos da pesquisa, sendo a estrutura básica para a realização do estudo. Deste modo entendemos que:

A pesquisa qualitativa não se preocupa com representatividade numérica, mas, sim, com o aprofundamento da compreensão de um grupo social, de uma organização etc. Os pesquisadores que adotam a abordagem qualitativa opõem-se ao pressuposto que defende um modelo único de pesquisa para todas as ciências, já que as ciências sociais têm sua especificidade, o que pressupõe uma metodologia própria. (Gerhardt, 2009, p. 12).

Desta forma, a presente pesquisa busca compreender os fenômenos de forma aprofundada, valorizando o contexto e a subjetividade dos participantes. Segundo Marconi (2018), a abordagem qualitativa é uma forma de investigação que busca compreender os fenômenos de forma aprofundada, valorizando o contexto e a subjetividade dos participantes. Essa abordagem é adequada quando se pretende explorar aspectos subjetivos, interpretativos e complexos de um fenômeno, possibilitando uma compreensão mais profunda dos significados atribuídos pelos participantes.

Para discussão e evidência de dados, esta pesquisa se pauta em uma pesquisa de campo interventiva a partir da experiência no Estágio Supervisionado em Educação Especial do curso de Pedagogia, onde a sua observação é participativa sistemática. E sua análise se dá a partir da observação e mediação pedagógica no campo de estágio.

A pesquisa de campo interventiva foi a estratégia metodológica escolhida e ela envolve uma análise aprofundada, onde permite uma investigação intensiva e

detalhada, contribuindo para o desenvolvimento de teorias e para a compreensão de fenômenos complexos.

3.1 APRESENTAÇÃO DA PESQUISA DE CAMPO

A garantia do direito à educação de todas as pessoas com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades/superdotação é de suma importância, tendo em vista à sua inclusão educacional, social, cultural e cidadã. Portanto garantir o acesso, permanência e a participação de todos esses estudantes nas atividades e espaços escolares, sem discriminação ou estigmatização, valorizando as diferenças individuais e garantindo a igualdade de oportunidades é fundamental. Compreendemos com esta pesquisa e análise que a afetividade é fundamental para que este processo de aprendizagem e inclusão do estudante com deficiência seja efetivo.

E foi exatamente por este motivo a escolha de trazer para a pesquisa de campo interventiva do menino de 14 anos chamado Gustavo (Nome fictício, para não revelar a identidade do adolescente) do 8º ano do ensino fundamental II da Escola Municipal que está localizada no município de João Pessoa, a capital paraibana e que tem a sua localização no Bairro de Mangabeira e a administração é feita exatamente pelo município de João Pessoa.

A escola foi fundada no ano 2000, criada através do Decreto Lei nº. 4023 de 20 de março de 2000. A escola tem 23 anos, onde passou por inúmeras reformas e aprimoramentos. E hoje ela é referência na educação especial na grande João Pessoa. E é uma das escolas modelos da capital paraibana. Pois sua Sala de Recursos Multifuncionais, onde há o Atendimento Educacional Especializado (AEE) é bastante equipada. E todo o material que nela existe é compartilhado com os professores da sala regular caso precisem.

Na Sala de Recursos Multifuncionais há tecnologia, amor, dedicação, organização, materiais pedagógicos e didáticos, tem de tudo um pouco, onde buscam sempre o melhor para os estudantes com deficiência, para que eles consigam se desenvolver como um todo. A sala dispõe de jogos de vários tipos e recursos

pedagógicos feito pela professora do AEE, mesa grande para se trabalhar com os estudantes, mesa interativa com aplicativos diversos que atende várias deficiências. É maravilhoso vermos a diversidade de recursos pedagógicos que a escola possui e como a inclusão dos estudantes é feita. Porém sabemos que que todo processo que é considerado contínuo precisa ser aperfeiçoado.

A escola escolhida para pesquisa de campo interventiva, atende o ensino fundamental II pela manhã e à tarde e a EJA à noite. Ela tem 557 estudantes matriculados, onde 222 estudantes estão matriculados pela manhã, 244 à tarde e 91 à noite na EJA. De Manhã há 07 turmas (6° A, 7° A, 7° B, 8° A, 8°D, 9° A e 9°B), a tarde também há 07 turmas (6° B, 6° C, 7° C, 8° B, 8° C, 9° C e 9° D), a noite são os ciclos da EJA (Ciclo I, II, III e IV). A escola também tem atendimento assíduo na Sala de Recursos Multifuncionais com os estudantes com deficiência e algumas vezes dá suporte aos estudantes com distúrbios de aprendizagem. Posto isto, pudemos observar nos documentos a nós apresentados, que são atendidos na Sala de Recursos Multifuncionais até o presente momento são: 9 estudantes pela manhã, 11 estudantes no período da tarde e 5 estudantes da EJA no período da noite.

A Sala de Recursos Multifuncionais foi implantada na escola em 2015 e este ano está entre uma escola modelo no município de João Pessoa. A qual só este tempo que estivemos lá o prefeito foi por duas vezes, uma para inaugurar após a reforma e outra com o governador para mostrar toda a estrutura e aparatos que a escola tem. De fato, a escola é muito boa e tem uma organização e tecnologia que não vemos muitas vezes em escolas particulares.

Sobre a Sala de Recursos Multifuncionais destacamos que “o Atendimento Educacional Especializado, na perspectiva da Educação Inclusiva, assume um caráter exclusivamente de suporte e apoio à educação regular, por meio do atendimento à escola, ao professor da classe regular e ao aluno” (Poker; Martins; Oliveira, Milanes; Giroto. 2013, p. 19).

Diante do exposto, destacamos que a Escola Municipal onde houve a pesquisa de campo interventiva oferece toda a estrutura necessária para o conforto e desenvolvimento educacional dos seus estudantes, bem como para atender bem a família do estudante e seus funcionários, como por exemplo: Internet, Banda Larga, Biblioteca, Quadra Esportiva Coberta que apesar de não ser dentro da escola é na

rua da lateral a ela, têm também aparelhos eletrônicos necessários, Pátio/Refeitório Coberto, Sala do Professor, Sala de diretoria, Sala de Recursos Multifuncionais, sala Google, secretaria, almoxarifado, sala de especialistas, cozinha e dispensa.

A escola também possui uma boa alimentação escolar inclusa. Todas as salas são climatizadas, e possui acessibilidade em todas suas dependências, água filtrada da rede pública, energia da rede pública, tratamento de esgoto da rede pública, lixo com coleta periódica e recentemente passou por uma nova reforma para melhor atender seu público-alvo que é os moradores de Mangabeira, o bairro mais populoso de João Pessoa. Todos os ambientes na escola são bem definidos e os direitos e deveres de cada um já está bem estabelecido, por ser uma escola que já tem 23 anos.

No quadro de funcionários a escola dispõe de diretor geral, diretora pedagógica, supervisão, orientadora, psicólogos, professores, cuidadores, assistente social, cozinheiras, vigilantes, secretaria e porteiro.

O Projeto Político Pedagógico (PPP) da Escola Municipal de João Pessoa da pesquisa de campo interventiva contempla os estudantes do AEE, bem como a escola também possui um Plano de ação em que também se contempla os estudantes com deficiência visto que o número de matrícula desses estudantes tem aumentado a cada ano.

Dito isto, discorreremos um pouco do nosso estudante da pesquisa de campo interventiva, o Gustavo de 14 anos do 8º ano do ensino fundamental II.

O estudante apresentado nesta pesquisa de campo interventiva, é um estudante com diagnóstico de deficiência intelectual (DI) e ¹transtorno de comportamento. Ele fora escolhido para a intervenção pedagógica por sempre demonstrar a vontade de aprender a ler e escrever. Fora escolhido desde os primeiros dias no local de estágio, pois ele entrava vez ou outra na Sala de Recursos Multifuncionais e dizia: *“Tia me ensina a ler e escrever, eu preciso aprender a ler e escrever”*. E isso logo nos tocou.

A escolha da intervenção com o estudante Gustavo se deu pela necessidade de auxiliá-lo no desenvolvimento de suas habilidades intelectuais e sociais, visando a

¹ A expressão “transtorno de comportamento” citada na apresentação da condição do estudante está descrita de acordo com o escrito no laudo médico (documento que tivemos acesso), sem a definição de qual transtorno do comportamento se trata.

sua inclusão efetiva na escola e na sociedade. Pois como dito acima ele gostaria muito de aprender a ler e escrever. Entretanto, foram encontradas algumas dificuldades para implementar o Plano de Desenvolvimento Individual que a professora de estágio nos entregará para ser preenchido. Porque identificamos algumas lacunas em seu emocional que afetava diretamente o seu cognitivo.

O estudante Gustavo, apesar de seu diagnóstico médico é um menino tranquilo, porém não gosta de ser confrontado, pois não aceita o confronto e acaba se estressando um pouco, nada que seja grave, ao menos no tempo em que ficamos nas intervenções com ele. Ele é um menino que interage bem com todos na escola e tem uma linguagem corporal e falada muito boa e quanto a isso não tivemos nenhum problema de comunicação com ele. Tem uma boa percepção do que ocorre a sua volta, mas a sua memória é um pouco confusa, em contrapartida seu raciocínio lógico é muito bom.

Acreditamos assim, diante do acompanhamento do estudante, que ele se encontre no nível silábico, pois entende a construção das formas das letras e sabe que elas servem para escrever palavras e diferencia elas mesmo em uma escrita bagunçada para os já alfabetizados. O estudante Gustavo ora compreende e ora não compreende o valor sonoro das letras e palavras.

A forma como o estudante é percebido na escola precisa de um olhar mais afetivo e de fato inclusivo, onde leve em considerações as suas habilidades e não suas dificuldades. Pois o mesmo em sala de aula era visto sob a nossa observação em sala, como apenas mais um estudante com deficiência que introduziram em sala regular por parte de alguns professores que não o incentivavam ou adaptavam a disciplina para o nível em que o aluno estava e muitas vezes o deixando de lado fazendo qualquer outra coisa, não o envolvendo nas práticas pedagógicas, mesmo que seu aprendizado se dê num tempo diferente dos demais.

Gustavo é um menino com condições socioeconômicas desfavoráveis, que mora em uma comunidade de João Pessoa e fora exatamente através de seu relato social e familiar que identificamos que a sua dificuldade de aprendizagem perpassava suas limitações por conta da DI e fora através de um olhar efetivo para o compreender que como um ser humano integral precisaríamos desenvolver uma prática pedagógica mais afetiva. Então estudamos o seu caso com um olhar afetivo para podermos

produzir seu PDI (modelo dado pela professora-orientadora do estágio supervisionado) levando em consideração o ser pleno que ele é.

Destacamos abaixo, as fotos do campo de pesquisa, que foram tiradas por nós na pesquisa de campo interventiva.



Destacamos as fotos da Sala de Recursos Multifuncionais onde o AEE funciona.





4. RESULTADOS E DISCUSSÕES

A presente pesquisa de análise qualitativa tem caráter descritivo exploratório, pois teve como foco a investigação na pesquisa de campo interventiva, onde utilizamos o processo de observação e intervenção pedagógica, onde a coleta de dados fora feita mediante registros escritos em cada encontro a partir de cada observação e posteriormente intervenções. Diante disso foi feita a observação do aluno em sala, no pátio, com sua cuidadora, na Sala de Recursos Multifuncionais e a partir de tais observações foi produzido o PDI (modelo dado pela professora de estágio) com as intervenções a serem feitas com o estudante Gustavo com DI da EMEF de mangabeira.

Neste capítulo discutiremos, argumentaremos e explicaremos o que fora feito na pesquisa de campo interventiva sobre as contribuições da afetividade no processo de inclusão e aprendizagem do estudante com deficiência, onde serão apresentados os elos entre afetividade, inclusão e aprendizagem mediante a pesquisa de campo interventiva do aluno Gustavo da EMEF de João Pessoa. Apontaremos também os elementos que se constituem como barreiras e impulsionadores para que a aprendizagem e inclusão dos estudantes com deficiência possa acontecer no contexto escolar. E analisaremos os resultados das intervenções feitas com o estudante Gustavo, colocando em anexo o seu PDI (modelo disponibilizado pela professora de estágio supervisionado de Educação Especial).

Diante disso, destacamos os teóricos que embasam a nossa pesquisa em relação a análise dos dados obtidos através da pesquisa de campo interventiva que são: Gil (2002), Gil (2008), Sampieri, Collado e Lucio (2013) e Lakatos e Marconi (2003).

Portanto, destacamos que “Embora existam procedimentos comuns a todos os estudos de campo, não há como definir a priori as etapas a serem seguidas em todas as pesquisas dessa natureza. Isso porque a especificidade de cada estudo de campo acaba por ditar seus próprios procedimentos” (Gil, 2002, p. 129).

Semelhantemente Lakatos e Marconi (2003, p. 186) nos traz que:

Pesquisa de campo é aquela utilizada com o objetivo de conseguir informações e/ou conhecimentos acerca de um problema, para o qual

se procura uma resposta, ou de uma hipótese, que se queira comprovar, ou, ainda, descobrir novos fenômenos ou as relações entre eles. Consiste na observação de fatos e fenômenos tal como ocorrem espontaneamente, na coleta de dados a eles referentes e no registro de variáveis que se presume relevantes, para analisá-los.

Diante do exposto, a presente pesquisa de campo interventiva nos permitirá conhecer e se aprofundar sobre o quanto a afetividade é importante nas práticas pedagógicas. Onde o processo dessa análise fora planejado em cima dos procedimentos de: observação e descrição do contexto escolar, exploração do contexto de vida e escolar do estudante do caso, a explicação, exposição e mediação da afetividade no processo de inclusão e aprendizagem. Utilizando a observação participativa sistemática com mediação pedagógica como coleta de dados para o embasamento da pesquisa sobre como a afetividade pode contribuir no contexto escolar como um todo, bem como na inclusão e aprendizagem dos estudantes com deficiência. Onde o ato de ouvir também condiz com a observação.

A observação nada mais é que o uso dos sentidos com vistas a adquirir os conhecimentos necessários para o cotidiano. Pode, porém, ser utilizada como procedimento científico [...] A observação apresenta como principal vantagem, em relação a outras técnicas, a de que os fatos são percebidos diretamente, sem qualquer intermediação. Desse modo, a subjetividade, que permeia todo o processo de investigação social, tende a ser reduzida. (Gil, 2008, p. 100).

De acordo com Sampieri, Collado e Lucio (2013) o trabalho do pesquisador ao observar o campo é como a de um detetive, onde olha de forma geral o contexto do ambiente e depois o indivíduo a ser estudado, descrevendo o que lhe chama atenção e traz relevância. E para isso é muito importante trazer o registro com anotações dos acontecimentos observados no campo de estudo. Tais registros documentam as descrições do campo de estudo e as interações e experiências vividas. E é com base nisso que descreveremos abaixo a contribuição que a afetividade tem no processo de inclusão e aprendizagem dos estudantes com deficiência, utilizando a pesquisa de campo interventiva do estudante Gustavo durante as experiências vivenciadas no Estágio Supervisionado em Educação Especial do curso de Licenciatura em Pedagogia da UFPB.

Onde:

Esta etapa representa um período de investigação informal e relativamente livre, no qual o pesquisador procura obter, tanto quanto possível, entendimento dos fatores que exercem influência na situação que constitui o objeto de pesquisa. Constitui, portanto, uma etapa cujo objetivo é o de descobrir o que as variáveis significativas parecem ser

na situação e que tipos de instrumentos podem ser usados para obter as medidas necessárias ao estudo final. (Gil, 2002, p. 130).

Salientamos que foram cerca de 1 mês e meio (indo uma vez por semana) de observação e coleta de dados do funcionamento da escola para com os estudantes com deficiência, onde foi observado toda a escola e rotina do estudante escolhido para intervenção pedagógica e onde 5 dias foram separados para serem feitas tais intervenções com o aluno escolhido de acordo com o que havia observado e estudado na pesquisa de campo interventiva.

Desta maneira, destacamos a importância que tem o estudo de campo, pois “o interesse da pesquisa de campo está voltado para o estudo de indivíduos, grupos, comunidades, instituições e outros campos, visando à compreensão de vários aspectos da sociedade.” (Lakatos; Marconi, 2003, p. 189). E a técnica de coleta de dados no campo de pesquisa por meio da observação nos ajudou a identificar e obter subsídios que nos mostram o quanto a afetividade é importante no processo de inclusão e aprendizagem do estudante com deficiência.

4.1 APRESENTAÇÃO DA INTERVENÇÃO PEDAGÓGICA

Apesar da Escola Municipal da pesquisa de campo interventiva em João Pessoa ser uma escola inclusiva dos estudantes com deficiência, pudemos observar que ainda assim, faltava um olhar mais afetivo intencional para que as crianças que foram incluídas possam aprender e se desenvolver no aprendizado e nas suas relações com o meio escolar. Entendemos que o Brasil ainda anda a passos lentos nesta inclusão efetiva onde os estudantes com deficiência possam sentir-se de fato parte de um todo e não a parte deste todo escolar. Mas destacamos aqui que estamos no caminho certo para a inclusão escolar.

No que tange às pessoas com deficiência, a Educação Inclusiva não é uma moda passageira. Ela é o resultado de muitas discussões, muitos estudos e muitas práticas que tiveram a participação e o apoio de organizações de pessoas com deficiência e educadores(as), no Brasil e no mundo[...] (Diniz, 2012, p. 9).

Salientamos que a pesquisa de campo interventiva partiu das experiências vivenciadas ao longo do Estágio Supervisionado em Educação Especial, e que se

passara a maior parte na Sala de Recursos Multifuncionais, onde ocorre os Atendimento Educacionais Especializados (AEE) e nas observações em sala de aula do aluno, bem como do mesmo nas dependências da escola.

Assim, enfatizamos a importância que o AEE tem para as escolas, pois:

na escola denominada inclusiva, o atendimento educacional realizado pelo professor especializado na Sala de Recursos Multifuncional constitui-se em um suporte fundamental para garantir a participação e a aprendizagem do aluno público-alvo da educação especial na classe comum e, também, nas atividades desenvolvidas pela escola. (Poker; Martins; Oliveira; Milanes; Giroto, 2013, p. 20-21).

Ressaltamos que o estágio em Educação Especial é para se vivenciar tudo sobre a educação especial e diante disso fora lançado pela professora orientadora do estágio o desafio de criar um PDI em cima do modelo distribuído por ela a ser preenchido, para um estudante com deficiência a nossa escolha e fora assim que o Gustavo fora escolhido.

Desta forma trazemos a importância que tem o PDI e assim ressaltamos que:

O PDI serve para registrar os dados da avaliação do aluno e o plano de intervenção pedagógico especializado que será desenvolvido pelo professor na Sala de Recursos Multifuncional. É constituído de duas partes, sendo a primeira destinada a informes e avaliação e a segunda voltada para a proposta de intervenção. São assim denominadas: Parte I – Informações e Avaliação do Aluno e Parte II – Plano Pedagógico Especializado. Os dados que compõe o PDI serão coletados pelo professor especializado no momento em que realizar o estudo de caso de cada aluno a ser atendido na Sala de Recursos Multifuncional. Tal estudo pode ser desenvolvido individualmente pelo professor especializado ou coletivamente, com a participação do orientador pedagógico ou mesmo de outros profissionais da escola. Terá como base diferentes fontes de dados, como: entrevista com os pais; dados do prontuário escolar do aluno; relatórios de profissionais da saúde; anamneses anteriormente realizadas etc. (Poker; Martins; Oliveira; Milanes; Giroto, 2013, p. 21).

Ressaltamos que o PDI que fora preenchido foi nos enviados nas configurações que a disciplina requeria que fossem preenchidos pelos estagiários de acordo com o que observaram em suas respectivas instituições de ensino.

Portanto diante de um prazeroso desafio como este de ter que observar, escolher o aluno, fazer o PDI e praticar as intervenções propostas no plano, não podemos nos eximir de nossa responsabilidade, pois na esfera educacional sempre iremos encontrar obstáculos e ou desafios a serem superados, pois nem sempre estaremos preparados para algumas situações, mas necessitamos ser aquele professor que vai além, onde o seu afeto é o elo de suas práticas.

Assim, corroboramos com o que Mantoan (2003, p. 78) destaca ao dizer que: “O argumento mais frequente dos professores, quando resistem à inclusão, é não estarem ou não terem sido preparados para esse trabalho.”

Contra-argumentando este pensamento dos professores em relação a estarem preparados ou não, corroboramos com Cury (2003, p. 64) quando afirma que “bons professores são didáticos, professores fascinantes vão além. Possuem sensibilidade para falar ao coração dos seus estudantes.” Logo podemos enfatizar que não estaremos preparados para todas as situações, porém enquanto professores precisamos um olhar mais sensível e procurar a melhor maneira de resolver o desafio.

À vista disso, corroboramos que:

Bons professores têm uma boa cultura acadêmica e transmitem com segurança e eloquência as informações em sala de aula. Os professores fascinantes ultrapassam essa meta. Eles procuram conhecer o funcionamento da mente dos alunos para educar melhor. Para eles, cada aluno não é mais um número na sala de aula, mas um ser humano complexo, com necessidades peculiares. (Cury, 2003, p. 57).

Voltando para a pesquisa de campo interventiva, a escola dispõe de um bom espaço escolar, tecnologias, bons profissionais e pessoas engajadas na inclusão, mas acredito que estão esquecendo o principal que é a afetividade como elo para inclusão e aprendizagem, fazendo com que os professores tenham um olhar para além das deficiências. Pois não é o bastante incluir o estudante com deficiência, pois a sua inclusão sem aprendizado de nada vale. Mas ressaltamos que a falta de um olhar mais afetivo deve ser um ponto a ser observado, analisado e modificado. E assim, colocado em prática em sala de aula.

Porém, não sabíamos que descobriríamos outras coisas a respeito do Gustavo que fosse como uma barreira que o impedirá de aprender que vai além de sua deficiência. Descreveremos abaixo, pois o PDI do Gustavo teve que ser alterado após algumas conversas com o mesmo e o olhar mais afetivo após a primeira intervenção tudo mudou, pois ficará claro que seus impedimentos de fato iam além do cognitivo, mas perpassava pelo emocional e psicológico como um todo.

De acordo com Poker, Martins, Oliveira, Milanez e Giroto (2013) o conhecimento de dados avaliativos do aluno dar-se na área cognitiva, na função motora e na área emocional do estudante. Diante disso enfatizamos que:

[...]na área emocional, afetiva e social, é avaliado o estado emocional do aluno, sua capacidade de reação à frustração, se apresenta comportamentos característicos de isolamento ou medo; seu nível de interação, capacidade de cooperação e manifestação de afetividade. (Poker; Martins; Oliveira; Milanes; Giroto, 2013, p. 24-25).

Desta maneira, evidenciamos o quanto o PDI é de grande importância e cada aluno com deficiência tem que ter o seu, pois isso ajuda os professores a fazerem as suas intervenções de forma mais efetiva, pois é neste plano que ressaltamos as habilidades e gosto do estudante e é onde se explicita quais práticas dão certo com cada aluno, levando em consideração suas particularidades. E no universo da educação inclusiva o professor trabalha como uma imensidão de potencialidades.

Um dos desafios além de observar o estudante escolhido, fora estudar mais aprofundado um pouco sobre a sua deficiência e como poderíamos ajudá-lo, pois havia questões mais profundas a serem pontuadas sobre este estudante e seu aprendizado. Por isso, deixaremos anexado a esta pesquisa o PDI (modelo enviado pela professora da disciplina de estágio supervisionado) do estudante da pesquisa de campo interventiva, para uma análise mais detalhada de cada intervenção feita com ele.

Após o primeiro dia de intervenção estando ali mais perto com ele, observamos que suas dificuldades iam além das cognitivas e estas dificuldades de aprendizagens também estaria surgindo por conta de lacunas e conceitos formados em seu psicológico e emocional o deixando com uma baixa autoestima. Logo percebemos que a intervenção pedagógica com o Gustavo não fluiria a partir dos conhecimentos prévios que já sabíamos dele, mas começaria de forma mais empática levando em consideração aqui que não estava tão aparente e que não havia laudo, que era o seu lado socioemocional e psicológico no que tange a autoestima e as barreiras construídas ao longo dos anos.

Por este motivo, não adiantaria prosseguir com o PDI voltado apenas para a aprendizagem (de ler e escrever), pois se seu lado afetivo estava afetado, logo seu lado cognitivo também, pois como constatamos os dois andam juntos. Tanto que havíamos escolhido trabalhar com o Gustavo uma intervenção fonética, porque para os estudantes com DI o aprendizado precisa fazer sentido, por isso iria começar pela

relação do fonema e grafema das letras e depois de palavras simples, para que o estudante entendesse o sentido das palavras de como falamos e como escrevemos.

Diante disso, ocorreu que na primeira intervenção onde ele não parava de me dizer que tinha um problema na cabeça, que era culpa da mãe dele e que por isso não ia conseguir aprender mesmo querendo, percebemos que havia algo a mais nestas dificuldades que iam além da deficiência intelectual. E por isso seria preciso adotar uma abordagem cuidadosa, com empatia e afetividade, levando em consideração o que ele gostava (futebol), suas habilidades e suas limitações, mas sempre levando essas limitações para o melhor lado para que ele pudesse se sentir acolhido e incluído no processo de sua própria aprendizagem. E assim em uma conversa com a professora de Estágio Supervisionado em Educação Especial, clareou-se os pensamentos a respeito de como modificar o PDI do Gustavo e a partir daí pôr em prática uma intervenção levando em consideração tudo que fora observado, conversado e compreendido.

Por isso que nosso olhar enquanto professor é tão importante, pois “o modo como os professores enxergam a criança é essencial para o sucesso da aprendizagem. Quando não julgam e procuram se aproximar do aluno, acreditam nele, observam seu comportamento e incentivam suas capacidades, ele tem tudo para crescer.” (Cavalcante, 2005, p. 54).

Então a partir desta conversa com a professora vieram várias ideias, pena que teria pouco tempo com o estudante, pois o estágio é finito infelizmente. Dito isto, foi importante a mudança de estratégia e assim, valorizar as conquistas e progressos a cada intervenção com Gustavo, sempre destacando suas habilidades e potencialidades, e estabelecendo metas realistas e alcançáveis para que ele pudesse se sentir motivado e confiante.

Nesses dias de intervenções foram feitas atividades e dinâmicas ligadas sempre a quem é o Gustavo, como ele é importante, bonito, amado, único, cheio de habilidades. Com práticas pedagógicas voltadas a autoestima, fazendo-o enxergar a pessoa maravilhosa que ele é. E mesmo em meio a suas dificuldades ele pode enxergar que ele com um pouco mais de esforço, deixando o passado para traz e se vendo como individuo único, poderá chegar a lugares que muitas vezes fora dito para ele que seria impossível.

Cury (2003, p. 143) nos mostra que “o elogio alivia as feridas da alma, educa a emoção e a autoestima. Elogiar é encorajar e realçar as características positivas. Há pais e professores que nunca elogiaram seus filhos e alunos.” E como está falta de afeto prejudica tanto uma pessoa e seu desenvolvimento.

E com essa abordagem de fazê-lo enxergar quem ele é de fato através das possibilidades, potencialidades e habilidades, que fora possível promover o seu desenvolvimento em diferentes áreas como a autoestima, a valorização, o olhar para si, o respeito com as diferenças, a empatia, o perdão, a não violência, equilíbrio, concentração, atenção, o eu e o outro, o raciocínio lógico etc. Tudo visando a contribuição para o alcance do seu sucesso escolar e para uma melhoria em sua autoestima.

Gustavo é um menino habilidoso e muito bom em matemática, mas sempre ouviu que tinha um problema na cabeça e assim diante deste fato relatado a nós, percebemos que isso limitou o seu aprendizado, pois acreditará que não conseguiria aprender.

Diante do exposto acima, identificarmos que sua limitação vai além de sua deficiência, pois fora imposta pelas ideias e falas negativas sobre sua pessoa daqueles que lhes rodeia é bastante triste. Mesmo que muitas vezes não haja uma intenção de bloquear ou magoar, as palavras e atitudes que temos diante das pessoas pode promover diversos impactos no psicológico.

Diante deste desafio foi preciso aprofundar-se no assunto da deficiência intelectual e assim compreender que eles conseguem aprender a seu tempo e de uma forma diferente, onde as práticas pedagógicas têm que lhes fazer sentido.

Deste modo, o professor:

com a formação já em andamento, o professor precisa tentar responder aos novos desafios e encontrar formas de amplificar suas ações metodológicas concentradas nas transformações sociais e educativas, nas estruturas contemporâneas e globalizadas que concretizam uma nova relação social. (Junges; Ketzer; Oliveira, 2018, p. 92).

Evidenciamos o que Silva (2016, p. 6) destaca que: “As ações do professor devem ser pautadas por um ensino diferenciado que possibilitem a melhora de seu desempenho e contemple suas habilidades para aprendizagem.” Sendo assim, é primordial conhecermos de perto o estudante com deficiência “em seu processo

evolutivo de aprendizagem, a observação de aspectos individuais, cognitivos ou afetivos emocionais é primordial para que o aluno DI possa pensar e compreender e, assim, aprender.” (Silva, 2016, p. 8).

O que se tornou propulsor do estudo de como a afetividade poderia contribuir na deficiência intelectual, na busca de adotar uma abordagem cuidadosa e empática durante a intervenção. Até porque o seu grau de sua deficiência não é severo.

O reconhecimento das habilidades e potencialidades do estudante, bem como a promoção de metas realistas e alcançáveis, foram fundamentais para motivá-lo a desenvolver a sua autoestima. É importante destacar que o preconceito em relação às pessoas com deficiência é um problema social que pode restringir o acesso a oportunidades e a limitação de desenvolvimento dessas pessoas.

Por isso, ao valorizar as habilidades de Gustavo, foi possível contribuir não apenas para seu desenvolvimento escolar, mas também sua valorização na sociedade escolar.

As dificuldades enfrentadas nas intervenções com Gustavo, foi algumas vezes a sua falta de concentração, suas distrações com pequenas coisas e a barreira psicológica que o fazia acreditar que não conseguiria aprender de forma alguma.

Apesar dessas dificuldades, foi possível obter resultados significativos por meio de estratégias adaptadas às suas necessidades e recursos que valorizaram suas potencialidades e promoveram sua autonomia. Fizemos o possível em tão poucos dias de estágio e intervenção. Assim, adotamos estratégias adaptadas à sua realidade sobre o que ele gostava que é o futebol e deste modo fomos reconhecendo a cada intervenção as suas habilidades e o fazendo ver que ele era capaz e que a seu tempo visando utilizando suas potencialidades e força de vontade ele conseguiria aprender a ler e escrever.

É importante enfatizar que essas dificuldades, muitas vezes não são limitações inerentes à deficiência em si, mas sim, são barreiras impostas pela sociedade, familiares e amigos, que muitas vezes por simplesmente não ter um olhar de empatia e outras vezes por simplesmente não entender o impacto de suas palavras na vida de uma criança e adolescente, e assim muitas vezes com uma superproteção achando que está fazendo o bem, está prejudicando aquela pessoa, que precisa de incentivo,

valorização, empatia, respeito, paciência, ensino, precisa de alguém que a impulse para vida.

A valorização das habilidades e potencialidades de Gustavo, bem como a valorização do seu eu com respeito e afeto, foram fundamentais para as suas intervenções pedagógicas, tanto no âmbito escolar quanto no âmbito psicológico e emocional. Expressamos isto, pois houve um dia em que a sua cuidadora nos deu um feedback que nos trouxera alegria, que fora que achava que ele gostou muito, porque segundo ela, com ela ele não gostava de ficar perto e depois das primeiras intervenções ele estava mais confiante, mas alegre e comunicativo com ela e com seus colegas de sala. E sabermos disso é gratificante.

Durante a intervenção com o Gustavo, já sabíamos que ele amava futebol e diante deste fato, pudemos realizar um sonho dele que era falar com algum jogador de futebol profissional. E como ele ficou feliz ao ver um ex-jogador profissional (meu pai) ali conversando com ele e mostrando o quanto ele é importante e acredito que também tocou muito o meu pai a conversa com Gustavo, pois sempre que falo com ele, ele pergunta e como vai o jogador Gustavo. Mesmo eu não estando mais atuando na escola.

Logo, voltamos a frisar que é imprescindível como sociedade e escola, que tenhamos afetividade, empatia e compreensão para entender que cada pessoa possui habilidades únicas e que devem ser valorizadas, independentemente de suas limitações, dificuldades e/ou deficiências, respeitando o outro em sua totalidade, onde a adoção de uma abordagem humanizada e afetiva é necessária, levando em consideração o que o estudante gosta e o que lhe chama atenção, e assim, adaptando às suas necessidades, isso é fundamental para a inclusão e desenvolvimento pleno dessas pessoas em suas aprendizagens no âmbito escolar.

Além disso, é preciso combater o preconceito e a exclusão que ainda afetam muitos estudantes com deficiência, a fim de garantir que todos tenham as mesmas oportunidades e possam desenvolver todo o seu potencial e na escola não é diferente. Por isso, é fundamental adotar uma abordagem que valorize as potencialidades e estimule o desenvolvimento desses estudantes, respeitando as suas particularidades.

Sendo assim,

A inclusão em educação pretendida é aquela que valoriza qualquer diferença, que olha o aluno como ele é, que traz a cultura desse mesmo aluno para a sala de aula e, conseqüentemente, para o interior da escola, que estimula a criação de práticas em um agir comprometido com as maneiras de transpor o conteúdo e torná-lo crítico, reflexivo e criativo, que cria oportunidades de construir políticas de inclusão com novas formas de intervenção, garantindo a participação de todos. Não somente uma inclusão que segrega pessoas com necessidades especiais por chamar atenção para a deficiência, na tentativa de incluí-la no ensino dito “regular”. (Mattos, 2012 p. 218-219).

E com este olhar de valorização foi possível ajudá-lo, mesmo que por pouco tempo a superar um pouco de suas dificuldades tanto no âmbito escolar quanto psicológico e emocional. Acredito que ele se sentiu mais valorizado e importante. Pois, pensar com muito carinho nas intervenções, levar um mimo ou algo que o estudante com deficiência goste, o valorizando e dizendo que é uma pessoa especial, única e capaz, pode mudar a rota de sua aprendizagem.

Diante disto destacamos que:

As crianças têm necessidade de pão, do pão do corpo e do pão do espírito, mas necessitam ainda mais do Teu olhar, da Tua voz, do Teu pensamento e da Tua promessa. Precisam sentir que encontraram em Ti e na Tua escola a ressonância de alguém que as escute, de escrever a alguém que as leia ou as compreenda, de produzir alguma coisa de útil e de belo que é a expressão de tudo o que nelas trazem de generoso e de superior. (Freinet, 1973, p. 102).

Perante o exposto, ressaltamos que não só as crianças, mas todos os estudantes necessitam de um olhar mais humanizado onde o afeto é o elo da aprendizagem e inclusão. Em especial os alunos com deficiência carecem de olhar mais empático, pois não podemos negar que infelizmente a segregação ainda está presente na sociedade e no ambiente escolar. Portanto é preciso discutirmos e valorizarmos as práticas de uma relação afetuosa entre professor e aluno.

Deste modo para ampliar o acesso e conhecimento a respeito do caso e estratégias pedagógicas utilizadas no PDI (modelo entregue pela professora de estágio) de Gustavo demonstrando as intervenções feitas em cada dia, com objetivos, atividades, materiais e o tempo de cada intervenção logo baixo.



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE HABILITAÇÃO PEDAGÓGICA
ESTÁGIO SUPERVISIONADO V – ÁREA DE APROFUNDAMENTO EM
EDUCAÇÃO ESPECIAL
PROFA. SANDRA SANTIAGO
DISCENTE: DJADE MYRNA BARROS LIMA DOS SANTOS

PLANO DE DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL – PDI

1. DADOS DO/A ESTUDANTE ALVO DE INTERVENÇÃO:

NOME:

ESCOLA/INSTITUIÇÃO: E.M.E.F. ZUMBI DOS PALMARES

IDADE: 14 ANOS

SÉRIE OU CURSO: 8º ano "A"

TURNOS: MANHÃ

2. DIAGNÓSTICO OU LAUDO MÉDICO (OU QUEIXAS):

O aluno é diagnosticado com a deficiência intelectual. Ele tem dificuldade na concentração, memorização e algumas vezes apresenta agitação quando não quer fazer algo que não lhe traga interesse. Tem um déficit de leitura e escrita acentuada e por isso não consegue acompanhar a sua turma.

O aluno se queixa muito de que não conseguir aprender a ler e escrever (nota-se que é algo pré firmado em sua identidade), mas demonstra interesse em desenvolver-se para tais habilidades.

3. NECESSIDADES A SEREM DESENVOLVIDAS PELO/A
ESTAGIÁRIO/A:

As necessidades a serem trabalhadas com [REDACTED] é o reforço positivo (elogiar seus pontos fortes), valorização e encorajamento (em cada conquista dele), desenvolvimento de sua autonomia, autoconfiança e autoconhecimento. Trabalhar a estimulação cognitiva, lógica e criativa através de jogos de tabuleiro, atividades lúdicas que o interesse como: bola, futebol, pinturas, recortes e colagens, recursos tecnológicos, impressos e pedagógicos da sala do AEE.

Após esses pontos acima serem trabalhados, vejo que há possibilidades de avanços mais consistentes com [REDACTED], pois ele tem que entender primeiramente quem ele é, que é importante e único; tem que aprender a se amar e ter autoconfiança, sabendo que sua deficiência não o torna uma pessoa incapaz de aprender. Para isso todos os profissionais ao seu redor devem ter empatia, dedicação, amor, paciência e compreensão de entender quem é Rikélme e o que pode ser trabalhado para que ele se desenvolva.

4. ATIVIDADES PROGRAMADAS E REALIZADAS PELO/A ESTAGIÁRIO/A:

DIA	HORA	OBJETIVOS	ATIVIDADES	MATERIAIS
04/05	9:50 às 11:20	Observar como o aluno se comporta na sala de aula regular; Ganhar a confiança do aluno e fazê-lo compreender que eu estou ali para ajudá-lo.	Não levei atividade específica, pois fui para ficar perto dele o observando, conversando e ganhando sua confiança (está era a atividade principal).	Não levei, mas o aluno pegou minha caneta e escreveu em seu caderno coisas aleatórias para me mostrar que sabia escrever.
12/05	7:50 às 9:15	Compreender que as palavras que escrevemos tem sons; Memorizar os sons das vogais;	1 folha de Atividade impressa de palavras que faltam vogais, mas as boquinhas representam o som da vogal que falta.	Mesa interativa com aplicativo de um jogo de palavras que tem um menino jogando futebol (o que lhe chamara mais atenção por ter relação com o que ele gosta.

		Distinguir a semelhança e o sentido de como falamos escrevemos; Manipular e identificar as vogais; Praticar o que aprendeu.	Por em prática na mesa interativa seus conhecimentos dos sons, bem como a identificação do formato das letras. Identificando o que se pede como: no início das palavras, no meio e no final delas.	Atividade impressa de palavras que faltam vogais, mas as boquinhas representam o som da vogal que falta. Boquinhas das vogais em eva; Alfabeto móvel (a, e, i, o e u em Maiúscula e minúscula).
19/05	7:50 às 9:15	Associar, correlacionar e enunciar o que fora lido com sua realidade; Compreender e identificar quem ele é e a sua importância no mundo; Praticar o autoconhecimento, autocuidado e amor-próprio; Empregar o respeito ao próximo e a si mesmo; Descobrir o seu verdadeiro eu cheio de habilidade e potencialidade; Reconhecer suas capacidades e	Compreender o que fora lido e pontuar o que mais gostou e chamou atenção para conversarmos sobre; Responder e pintar a atividade de autoconhecimento que fora impressa; Atividade surpresa de autoconhecimento de quem ele é, como e como se ver através do espelho e do que sabe sobre si.	Livro: Todo mundo é diferente; Atividades de autoconhecimento impressa; Lápis de pintar; Caixa surpresa com espelho dentro.

		vibrar a cada conquista; Etc.		
24/05	7:00	ALUNO FALTOU	ALUNO FALTOU	ALUNO FALTOU
25/05	9:40 às 11:30	Associar, correlacionar e enunciar o que fora lido com sua realidade; Elevar a sua autoestima; Faze-lo compreender que sua deficiência não o incapacita de aprender e de conseguir seus objetivos; Aprender brincando e poder aplicar o que conversamos sobre o futebol com a bola; Associar o lúdico ao aprendizado; Etc.	Faze-lo refletir como é importante o futebol e o estudo; Compreender o que fora lido e pontuar o que mais gostou e chamou atenção para conversarmos sobre; 2 atividades impressas sobre raciocínio lógico de pintar de acordo com o que se pede e outra de colagem; Fazer embaixadinhas com a bola e contar quantas faz torcendo e o incentivando a conseguir sempre mais.	Meu pai (um ex-jogador de futebol profissional) para um bate papo descontraído unindo o futebol ao estudo; Livro: A lagarta Lala; Atividade de raciocínio lógico com pintura e colagem; Tinta Guache; Pinceis; Esponja; Cola; Bola.
26/05	9:50 às 11:30	Associar, correlacionar e enunciar o que fora lido com sua realidade; Aprender brincando; Conseguir interpretar e	Compreender o que fora lido e pontuar o que mais gostou e chamou atenção para conversarmos sobre; A atividade desenvolvida	Livro: João preste atenção; Jogo de encaixe de palavras soletrando com foto das palavras.

		estabelecer um raciocínio lógico; Etc.	com o material de jogo de encaixe do soletrando as palavras.	
--	--	---	--	--

Obs.: Na última intervenção o aluno só deixou ler o livro e não quis pôr em prática o jogo de encaixe de letras que levei, pois estava agoniado (estava mais agitado neste dia) para jogar o dominó que levava para a escola, pois estava com as aulas finais vagas e queria jogar apostado com os colegas. Então ao invés de o segurar eu fui o acompanhar.

5. RESULTADOS ALCANÇADOS:

Com [] os resultados são ao longo prazo porque algumas coisas que bloqueiam o seu aprendizado foram adquiridas desde infância, pois precisa-se dar continuidade nas intervenções de autoestima, confiança, valorização e encorajamento. Mas fiquei feliz, pois pude ver um brilho diferente em seus olhos quando repensei minha intervenção e tive um olhar mais profundo a seu respeito. Então a partir do terceiro dia que o acompanhava mudei a estratégia e pude ver uma mudança em seu comportamento, sua forma de se enxergar e até estava mais calmo e comunicativo segundo a sua própria cuidadora me falou.

Acredito que consegui o resultado de [] se sentir importante, amado e único. O reconhecimento de suas habilidades e potencialidades, bem como a promoção de metas realistas e alcançáveis, foram fundamentais para motivá-lo a desenvolver a sua autoestima.

Com essa abordagem, foi possível promover o seu desenvolvimento em diferentes áreas como a autoestima, a valorização, o olhar para si, o respeito com as diferenças, a empatia, o perdão, a não violência, equilíbrio, concentração, atenção, o eu e o outro, o raciocínio lógico etc. Tudo visando a contribuição para o alcance do seu sucesso escolar e para uma melhoria em sua autoestima.

[] é um menino muito especial que carregarei para sempre em meu coração e em minha jornada docente. Acreditando que todo mundo é especial e capaz de aprender!

Destacamos abaixo as fotos da Intervenção I tiradas por nós durante a pesquisa de campo interventiva:



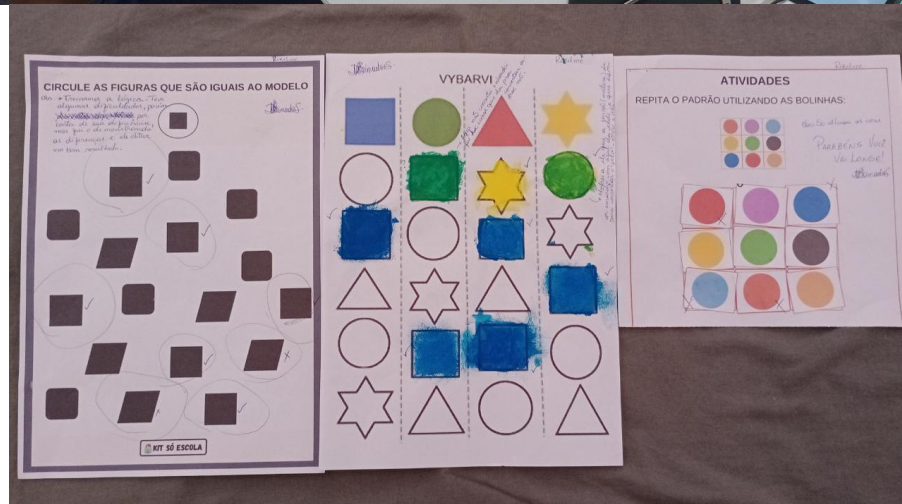
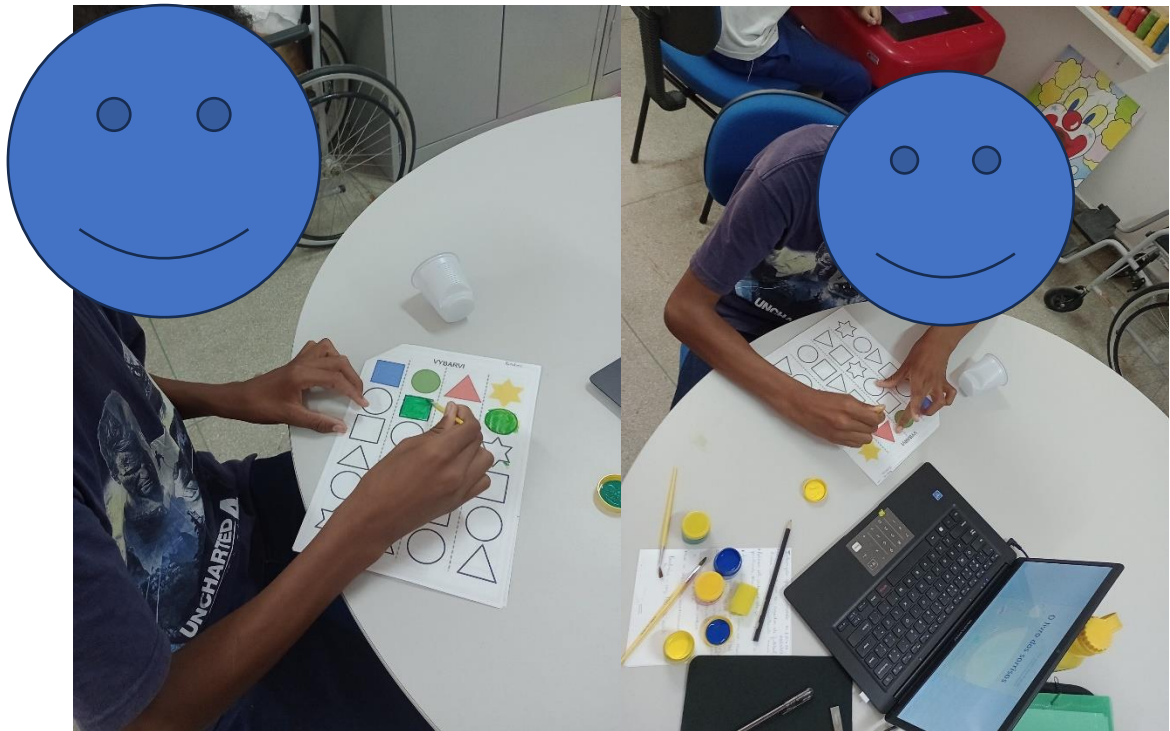
		A-E-I-O-U		A-E-I-O-U
	B		L	
				
		A-E-I-O-U		A-E-I-O-U
	B		L	
				
		A-E-I-O-U		A-E-I-O-U
	D		D	
				
		A-E-I-O-U		A-E-I-O-U
	F		C	
				
		A-E-I-O-U		A-E-I-O-U
	S		N	
				
		A-E-I-O-U		A-E-I-O-U

Destacamos abaixo, as fotos da intervenção II tiradas por nós durante a pesquisa de campo interventiva:

Destacamos abaixo, as fotos da intervenção III tiradas por nós durante a pesquisa de campo interventiva:

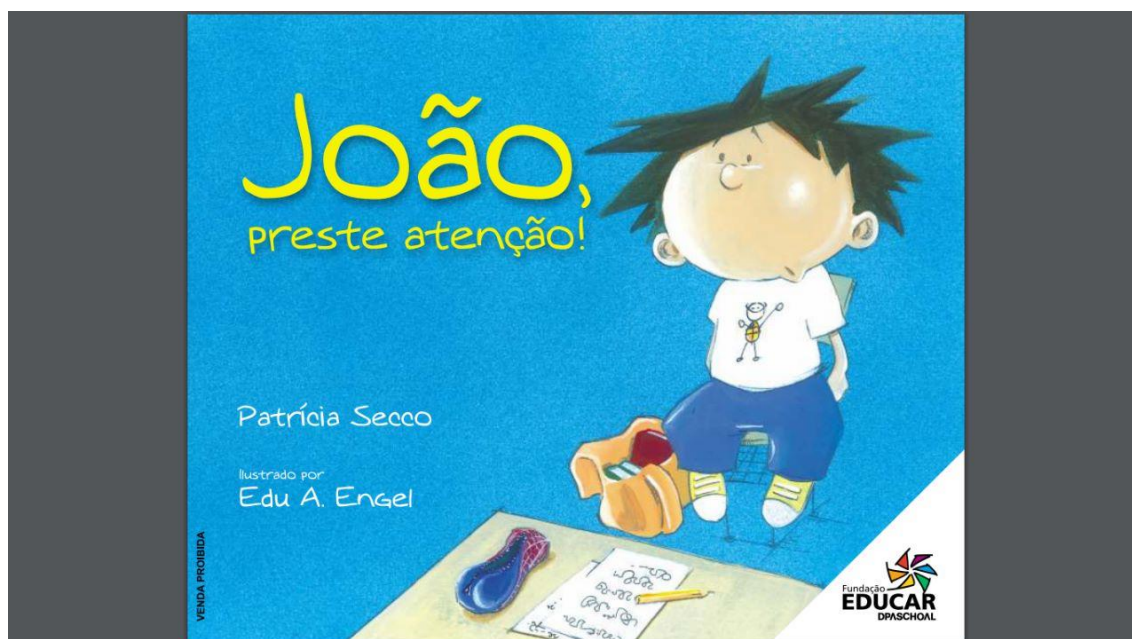


LEVEI MEU PAI PARA A INTERVENÇÃO POR SER UM EX JOGADOR TRICAMPEÃO DO TREZE FUTEBO CLUBE DOS ANOS 80. PARA O ESTUDANTE ENTENDER O QUANTO É ESPECIAL E OS DOIS CONVERSARAM MUITO SOBRE FUTEBOL E ESTUDO.



Este livro fala do respeito as diferenças

Destacamos abaixo, as fotos da intervenção IV tiradas por nós durante a pesquisa de campo interventiva:



Este livro fala de um menino diagnosticado com Dislexia. Mas que até seu diagnóstico ia muito mal na escola, onde as coisas na escola não faziam sentido para ele, pois não era feita até aquele momento para o incluir. Mas a partir do entendimento de todos a sua volta sobre o que ele tinha tudo mudou, pois os planejamentos na escola eram feitos também pensando nele. E o encorajamento para ele era fundamental para alcançar sua aprendizagem.



A CAIXA SUPRESA UTILIZADA NA INTERVENÇÃO – 2 (FEITA POR MIM) E O JOGO SOLETRANDO NA INTERVENÇÃO – 4

4.2 ELEMENTOS IMPULSIONADORES E AS BARREIRAS A AFETIVIDADE E INCLUSÃO

A inclusão de estudantes com deficiência nas escolas regulares ainda enfrenta diversas barreiras que dificultam a promoção de um ambiente afetivo e inclusivo. Neste capítulo, discutiremos os principais elementos que contribuem para essas barreiras e iremos propor intervenções práticas para superar tais barreiras no âmbito escolar. E para isso destacamos que:

A Convenção da Guatemala (1999), promulgada no Brasil pelo Decreto nº 3.956/2001, afirma que as pessoas com deficiência têm os mesmos direitos humanos e liberdades fundamentais que as demais pessoas, definindo como discriminação com base na deficiência, toda diferenciação ou exclusão que possa impedir ou anular o exercício dos direitos humanos e de suas liberdades fundamentais. Esse Decreto tem importante repercussão na educação, exigindo uma reinterpretação da educação especial, compreendida no contexto da diferenciação adotada para promover a eliminação das barreiras que impedem o acesso à escolarização. (Brasil, 2008, p. 9).

Uma das principais barreiras para a afetividade e inclusão dos estudantes com deficiência são as atitudes negativas e os estereótipos enraizados na sociedade. O preconceito e a discriminação são fatores que dificultam a inclusão de pessoas com deficiência, pois influenciam diretamente na maneira como esses estudantes são tratados, limitando suas oportunidades de envolvimento social e de desenvolvimento na aprendizagem.

Uma intervenção prática para lidar com essa barreira é a realização de atividades de sensibilização e conscientização para toda a comunidade escolar. Essas atividades podem incluir palestras, workshops ou debates que promovam a reflexão sobre a importância da inclusão e a desconstrução de estereótipos negativos. Trazendo para a sala de aula regular um ambiente mais acolhedor.

Outro elemento que contribui para as barreiras na afetividade e inclusão dos estudantes com deficiência é a falta de formação adequada dos professores. Faltando-lhes o conhecimento sobre estratégias inclusivas podendo levar os professores a se sentirem despreparados para lidar com as necessidades específicas dos estudantes com deficiência. E uma intervenção prática para combater essa barreira é a implementação de programas de formação continuada para professores. Esses programas devem abordar tópicos como adaptação curricular, utilização de

recursos de apoio e estratégias pedagógicas inclusivas. Além disso, é fundamental que os professores tenham acesso a materiais atualizados e suporte para aplicar o conhecimento adquirido em sua prática diária. E para isso Mantoan (2003, p. 67) afirma que:

[...] a inclusão não prevê a utilização de práticas de ensino escolar específicas para esta ou aquela deficiência e/ou dificuldade de aprender. Os alunos aprendem nos seus limites e se o ensino for, de fato, de boa qualidade, o professor levará em conta esses limites e explorará convenientemente as possibilidades de cada um. (Mantoan, 2003, p. 67).

Claro que os desafios do dia a dia em sala de aula são inúmeros e que por vezes a falta de infraestrutura e recursos adequados também representa uma barreira para a afetividade e inclusão dos estudantes com deficiência. A falta de acessibilidade arquitetônica, por exemplo, dificulta a mobilidade e participação plena desses estudantes. E uma proposta de intervenção prática para superar essa barreira é a promoção de adaptações no ambiente físico das escolas, tornando-as acessíveis para todos os estudantes. Além disso, é necessário que sejam disponibilizados recursos adaptados, como material em formatos alternativos, Tecnologia Assistiva e suporte especializado, de acordo com as necessidades individuais de cada estudante. Da mesma maneira a disponibilização de uma pessoa que os auxiliem e estejam sempre prontos para lhes ajudar no âmbito escolar é de suma importância, como é o caso do cuidador(a), que é este profissional de apoio escolar para as necessidades básicas dos estudantes com deficiência.

Pudemos observar no campo de pesquisa interventiva que tais barreiras para a inclusão desses estudantes com deficiência, podem ser superadas por meio de intervenções práticas, conscientização e afetividade. A realização de atividades de sensibilização, a formação adequada dos professores e a disponibilização de recursos e infraestrutura inclusivos são aspectos fundamentais para promover um ambiente verdadeiramente acolhedor e inclusivo.

Segundo Cunha (2008, p. 57):

Em qualquer circunstância, o primeiro caminho para a conquista da atenção do aprendiz é o afeto. Ele é um meio facilitador para a educação. Irrompe em lugares que, muitas vezes, estão fechados às possibilidades acadêmicas. Considerando o nível de dispersão, conflitos familiares e pessoais e até comportamentos agressivos na escola hoje em dia, seria difícil encontrar algum outro mecanismo de auxílio ao professor mais eficaz.

Em se tratar da afetividade, entendemos que se refere às emoções, sentimentos e relações interpessoais estabelecidas no ambiente escolar, sendo um fator fundamental para promover o desenvolvimento pleno e o engajamento desses estudantes. Neste sentido, serão apresentados alguns teóricos que sustentam essa perspectiva, bem como práticas e estratégias que os professores podem adotar para promover um ambiente emocionalmente acolhedor e propício à aprendizagem.

A afetividade exerce um importante papel no processo de aprendizagem dos estudantes com deficiência. O neurocientista Damasio (1996), em suas pesquisas sobre o papel das emoções no processo cognitivo, destaca que as emoções têm um papel fundamental na consolidação da memória e na tomada de decisões. Assim, quando os estudantes se sentem emocionalmente seguros e acolhidos, as chances de aprendizagem e retenção do conhecimento são potencializadas.

Para Chabot e Chabot (2008, p. 131):

Um dos papéis do educador emocionalmente inteligente consiste em estimular as competências emocionais de seus alunos. [...] O professor deve, pois, utilizar meios que permitam ao aluno sentir as coisas que aprende. Deverá então encontrar o modo de estimular seu lóbulo pré-frontal esquerdo, a fim de otimizar seu bem-estar emocional. Poderá, conseqüentemente, solicitar e estimular todas as competências emocionais do aluno.

As relações interpessoais estabelecidas no ambiente escolar são determinantes para o desenvolvimento da afetividade nos estudantes com deficiência. Assim ratificamos com Rogers (1973), psicólogo humanista que defende a teoria do desenvolvimento humano centrada na pessoa, destacando a importância da empatia e do respeito mútuo nas relações interpessoais. Dessa forma, os professores devem buscar estabelecer um ambiente de confiança, onde o estudante se sinta valorizado e acolhido.

Sendo assim, levando em consideração a pesquisa de campo interventiva com o estudante Gustavo e as estratégias de intervenções pedagógicas que foram adotadas com o mesmo e diante de todo esclarecimento sobre as contribuições da afetividade no processo de inclusão e aprendizagem dos estudantes com deficiência enfatizamos que é necessário que os professores adotem algumas estratégias para promover a inclusão e aprendizagem dos estudantes com deficiência. Dentre elas, destacamos:

- Conhecer a história de vida e as necessidades de cada estudante com deficiência: Através do diálogo e de uma abordagem individualizada, o professor pode conhecer as particularidades de cada estudante e adaptar suas práticas pedagógicas de acordo com suas necessidades específicas.
- Estimular a participação ativa dos estudantes: Promover a participação ativa dos estudantes com deficiência nas atividades e debates em sala de aula é fundamental para aumentar sua autoestima e sua confiança, contribuindo para o sentimento de pertencimento.
- Valorizar as conquistas individuais: A valorização das conquistas individuais de cada estudante, independentemente de seu desempenho em relação aos demais, é essencial para o fortalecimento da autoestima e do senso de competência.
- Conhecer e respeitar as características individuais de cada estudante, entendendo suas necessidades e potencialidades.
- Estabelecer uma comunicação clara e assertiva, utilizando linguagem adequada e acessível para cada estudante.
- Criar um ambiente acolhedor e inclusivo, com uma rotina estruturada e atividades adaptadas às necessidades de cada estudante.
- Proporcionar momentos de interação social entre os estudantes, promovendo o respeito e a valorização das diferenças.
- Ter feedbacks afetivos e encorajadores, reconhecendo os esforços e progressos dos estudantes.
- Estabelecer um diálogo constante com a família, compartilhando informações e estratégias pedagógicas.

Diante dessas estratégias o professor tem que querer aprofundar os estudos sobre a afetividade e a inclusão de estudantes com deficiência, pois a inclusão tem tomado o seu lugar mesmo que a passos curtos e assim, aumenta-se a cada dia o número de estudantes com deficiência, pois os mesmos podem gozar de seus direitos de estar ali incluso em sala de aula e para isso os professores devem buscar uma educação continuada e aprofundada, onde este aprofundamento de conhecimentos contemple a área da educação especial e os estudantes com deficiência também.

Assim, a leitura e discussão de obras fundamentais na área da Educação Inclusiva e das ciências humanas de como o estudante com deficiência aprende e desenvolvem-se em suas especificidades, são imprescindíveis. E a importância do contexto social na aprendizagem e no desenvolvimento humano, nos fornece os subsídios teóricos necessários para compreender como a afetividade pode influenciar positivamente no processo de inclusão.

Diante disso enfatizamos que as diferenças e diversidade deve ser respeitada para que a inclusão dos estudantes com deficiência aconteça no contexto escolar. Podemos então compreender a importância da convivência com o diferente no âmbito escolar e para que esta convivência com o diferente aconteça a inclusão tem que se fazer presente.

Desta maneira entendemos que o processo de inclusão e aprendizagem passa pela afetividade, pois as emoções são inerentes ao ser humano e ela desempenha um papel crucial em se tratando dos estudantes com deficiência. Pois, um ambiente acolhedor, afetuoso e inclusivo contribui para o desenvolvimento cognitivo, emocional e social desses estudantes. Logo, os professores devem estar atentos às particularidades de cada estudante, promovendo a empatia, o respeito e a valorização das diferenças. A partir de práticas importantes, como o feedback afetivo e a parceria com a família, é possível proporcionar uma educação inclusiva e de qualidade para todos os estudantes. Através do estabelecimento de relações interpessoais saudáveis, do acolhimento emocional e da valorização das habilidades individuais, os professores podem promover um ambiente inclusivo, estimulante e propício ao desenvolvimento pleno desses estudantes. Por meio do estudo, bem como da busca por práticas pedagógicas inclusivas, os professores podem se aprofundar nesse tema tão relevante e contribuir efetivamente para a construção de uma educação mais igualitária e justa.

Diante do exposto Vigotsky (2007) trata bem sobre isto ao evidenciar em suas pesquisas que a afetividade é um fator essencial no processo de desenvolvimento e construção do ser humano, pois esta influência está diretamente ligada no vínculo estabelecido entre o professor e o estudante com deficiência. O afeto é capaz de criar um ambiente seguro, estimulante, permitindo que o estudante se sinta acolhido e com confiança para explorar seus potenciais. Respeitando as particularidades de cada estudante com deficiência, os professores promovem um ambiente onde o estudante

com deficiência se sentirá confiante para se expressar, participar das atividades e contribuir com suas capacidades individuais.

Vigotsky (2022) traz a importância da intervenção em crianças com deficiências. Ele apresenta sua abordagem revolucionária para estudar e compreender as crianças com deficiências, indo além de uma perspectiva limitada por estigmas, estereótipos e determinismos biológicos, onde a intervenção pedagógica e do ambiente social no desenvolvimento dessas crianças é primordial, destacando que é fundamental oferecer oportunidades educacionais adequadas e acessíveis para que elas possam se desenvolver plenamente.

O autor também aborda questões relacionadas à inclusão escolar, à formação de professores e à importância da mediação para a aprendizagem, onde suas teorias sobre as relações entre desenvolvimento e aprendizagem, propõe uma visão integradora, em que a deficiência não é vista como uma barreira intransponível, mas como um desafio educacional que pode ser superado. Ele argumenta que, ao considerar o contexto social e cultural em que o indivíduo está inserido, é possível criar estratégias pedagógicas que promovam uma educação inclusiva e de qualidade para todos. O que traz uma contribuição essencial para a compreensão e a prática da educação especial, possibilitando o enriquecimento do debate acadêmico sobre a inclusão educacional.

Para Winnicott (2000), o feedback afetivo é fundamental para o desenvolvimento dos estudantes com deficiência. Essa interação emocional positiva auxilia na construção da autoestima e na superação de possíveis barreiras emocionais e cognitivas. Os professores devem fornecer feedbacks construtivos e encorajadores, reconhecendo os esforços e progressos dos estudantes, reforçando sua autoconfiança e motivação.

A relação entre professor, estudante e a família é crucial para o processo de inclusão. Porque a família também tem o seu papel na formação e aprendizagens do estudante com deficiência e deste modo desempenha um papel ímpar na manutenção e no fortalecimento dos vínculos afetivos do estudante com a escola. Desta forma, o professor deve estabelecer uma comunicação próxima e constante com a família, buscando envolvê-la nas atividades escolares e compartilhando experiências e estratégias pedagógicas. Para que assim o estudante entenda que não está sozinho

nesta caminhada pelo conhecimento, onde todos que lhe rodeia está interessado em seu pleno desenvolvimento.

4.3 A PRÁTICA PEDAGÓGICA AFETIVA COMO ELO ENTRE A APRENDIZAGEM E INCLUSÃO

Salientamos que:

Ser professor é dar condições e oportunidades ao outro de construir seus próprios sentidos e criar suas próprias condições para viverem em sociedade, refletir sobre esta última e refletir-se, sem jamais retornar aquilo que era antes, num eterno devir. O professor é, pois, um agente de encantamento nestes tempos de desencanto. O professor é, pois, aquele que apresenta os limites e, sobretudo, faz florescer as possibilidades criativas e inclusivas. (Santos, 2008, p. 53).

Desta maneira, entendemos que aprendizagem passa pela afetividade e como vimos outrora não há como separá-las, pois, estão intrinsecamente ligadas.

E enquanto professores temos que compreender que em sala não somos apenas transmissores de informações, mas sim o mediador entre o conhecimento e o estudante. E ao compreender essa importância de mediar ele busca ter condutas pedagógicas e rotinas educativas, mas afetivas e este afeto sendo o elo para o desenvolvimento da aprendizagem dos seus estudantes e a inclusão dos estudantes com deficiência.

Ressaltamos o quão relevante foi a experiência do Estágio Supervisionada em Educação Especial. Uma experiência enriquecedora, que permitiu adquirir conhecimentos teóricos e práticos, além de ampliar a visão sobre a inclusão e suas necessidades. Sabemos que a educação especial é um direito assegurado em nossa política, mas deve ser vista por todo corpo escolar, como um processo contínuo, que precisa ser fortalecido e consolidado, para que possa garantir o acesso à educação para todos os indivíduos. Acreditamos que o trabalho na área da educação especial é um desafio diário, que exige comprometimento, empatia, sensibilidade e respeito pelas diferenças. Neste sentido, é fundamental que os profissionais da educação sejam preparados para proporcionar um atendimento adequado a cada aluno, considerando suas especificidades, habilidades, potencialidades e singularidade.

Para isto Stainback e Stainback (1999) nos traz uma proposta voltada a ação pedagógica com uma proposta estratégica para com a diversidade na escola com

ações individualizada para os estudantes com deficiência com atividades que devem ser realizadas passo a passo, onde o reforço positivo é muito importante, onde um olhar mais amplo nos mostra que o estudante com deficiência também ajuda no desenvolvimento e conhecimento do estudante sem deficiência da sala regular, pois os fazem desenvolver habilidades que jamais pensariam ter na questão de resolução de problemas e assim ambos os estudantes se desenvolvem. E para isso os autores trazem a ideia da importância da amizade como ampliador do desenvolvimento e como uma rede de apoio.

Diante do exposto sobre amizade, vemos o quanto isso é relevante para os estudantes com deficiência, pois eles precisam entender de fato que fazem parte de um todo e que não foram apenas por razão de direitos, mas que fora abraçado como um sujeito que também agrega em valores no contexto escolar.

E Saltini (2008) expõe bem a questão do quanto é importante um olhar afetivo, pois:

O professor (educador) obviamente precisa conhecer e ouvir a criança. Deve conhecê-la não apenas na sua estrutura fisiológica e psicossocial, mas também na sua interioridade afetiva na necessidade de criatura que chora, ri, dorme, sofre e busca constantemente compreender o mundo que a cerca, bem como o que ela faz ali na escola. (Saltini, 2008, p.63).

Realçamos aqui o quanto a comunidade escolar pode ajudar no desenvolvimento dos estudantes com deficiência proporcionando a amizade e o comprometimento de todos pela ligação afetiva, onde o reforço positivo é muito importante principalmente aos estudantes com deficiência, pois eles precisam ser encorajados e incentivados por essa rede de apoio escolar, onde os professores, colegas de sala e toda a comunidade escolar participe.

Digo isto, pois fora exatamente o que aconteceu com o estudante Gustavo com relação ao reforço positivo, pois em sua aprendizagem era o que lhe faltava. Um olhar mais afetivo que levasse em consideração suas habilidades e interesse e unisse isso a práticas pedagógicas que o envolvessem em seu processo de aprendizagem e onde cada conquista fosse comemorado de forma positiva. E é diante desta prática pedagógica afetiva de olhar o Gustavo para além de suas dificuldades, que enfatizamos que:

É por meio da interação professor-aluno que se iniciam os primeiros laços de afetividade na escola. O docente deve dispor ao seu aluno um

ambiente propício ao desenvolvimento dos sentimentos e emoções. Cabe a ele fazer com que os alunos, principalmente aqueles que chegam no processo inclusivo, estabeleçam uma relação integral consigo mesmo e com os indivíduos a sua volta. (Costa, 2011, p.22).

E com Gustavo não fora diferente. Apesar de ser um adolescente comunicativo e divertido, percebemos que algumas vezes ele mesmo fora segregado no âmbito escolar, mesmo que de forma não pensada ou com intenção prévia, pois ainda no Brasil estamos aprendendo com o diferente a nós. E sobre isso ao longo desses anos de educação inclusiva no Brasil observamos os avanços da inclusão escolar, o que é muito significativo, mas sabemos que ainda há muito a melhorar.

Portanto, sabemos que o fracasso ou o sucesso escolar do estudante com deficiência está intrinsicamente ligado à sua autoestima e podemos ver isso com o Gustavo. Pois ele se avaliava pela avaliação dos outros a respeito de si. E diante deste fato vemos que o professor pode ajudar estes estudantes em sua autoestima e autoimagem por meio do afeto, onde

[...] o que vai dar qualidade ou modificar a qualidade do aprendizado será o afeto. São as nossas emoções que nos ajudam a interpretar os processos químicos, elétricos, biológicos e sociais que experienciamos, e a vivência das experiências que amamos é que determinará a nossa qualidade de vida. Por esta razão, todos estão aptos a aprender quando amarem, quando desejarem, quando forem felizes. (Cunha, 2008, p.67).

Assim Cunha (2008, p.85) continua a expor que “a sala de aula ao revestir-se da sua humanidade, com laços de compreensão e entendimento, com atividades dinâmicas e desejastes, com participação ativa do aluno e nutrida por seu interesse, poderá tornar o aprendizado surpreendente”.

E para que esta inclusão e aprendizagem aconteça é necessário que a relação entre quem ensina e quem aprende seja o afeto. E Wallon (1995) nos mostra o quanto a questão do afeto é crucial para o funcionamento do nosso corpo e para o nosso desenvolvimento, na questão de nos dar coragem e motivação, pois para ele são indissociáveis. Entendemos então que o afeto nas práticas pedagógica ajuda os estudantes no desenvolvimento de seu aprendizado e cada professor tem que entender que seu papel em sala de aula é essencial para o processo de aprendizagem e inclusão. O autor ressalta que as emoções são estruturantes da inteligência de cada indivíduo. E o impacto que o afeto promove reputamos se algo é de fato verdadeiro ou não.

Nesta situação, a afetividade pode ser compreendida como a ação que move e assim obtém o êxito para que fora designado. Ou seja, se o ambiente educacional for saudável e cheio de respeito as diferenças, podemos dizer que há um elo que liga o afeto neste ambiente ao desenvolvimento (aprendizagem) e isso gera consequentemente a inclusão em se tratando de estudantes com deficiência.

As instituições de ensino precisam trabalhar as diferenças e assim enriquecer o convívio educacional com os seus diferentes. Afinal ninguém é igual a ninguém e o mundo está em constantes mudanças e trabalhar as diferenças também enriquecem o aprendizado. Assim é necessário que os estudantes com deficiência sejam protagonistas de seu aprendizado sem ser segregados por quaisquer que sejam os estereótipos, dificuldade e/ou deficiências.

Assim, enfatizamos que incluir exige um olhar singular dentro de um universo tão plural que é a escola. Da mesma forma, incluir de forma afetiva no processo de aprendizagem do estudante com deficiência, faz com que eles permaneçam na escola, diminuindo assim a evasão escolar por conta da segregação. E para isso:

O professor precisa apropriar-se verdadeiramente do sentido que o termo incluir detém. Incluir é ultrapassar obstáculos, quebrar barreiras e paradigmas, desvencilhar regras arcaicas. Incluir é ultrapassar todos os obstáculos que promovem a separação e a exclusão. Para incluir deve-se proporcionar trocas constantes entre o ensinar e o aprender. Semeando assim, um espaço que conta com práticas pedagógicas preparadas para responder a diversidade cultural e a heterogeneidade dos alunos. Levando em consideração que cada aluno aprende de maneira diferente e em tempos diferentes. Nessa perspectiva, repensar as metodologias e o posicionamento frente ao processo ensino/aprendizagem, é tarefa permanente e indispensável ao professor. (Oliveira, 2021, p. 50).

O papel do professor mediador é fundamental para que se atinja o cognitivo e emoções do educando, pois como facilitador de conhecimento é imprescindível que sua relação com o estudante traga em seu cotidiano sensações que podem ser boas ou ruins, vai depender do professor em sala de aula, possibilitando assim a aproximação ou afastamento do estudante e isso implicará no aprendizado e cognição deste estudante com deficiência. Por isso é essencial que este mediador traga afeto em suas práticas, possibilitando e facilitando o acesso à aprendizagem e conhecimento de forma mais assertiva. Posto isso destacamos:

Uma aula de qualquer disciplina se constitui, assim, em parte do processo de formação do aluno, não pelo discurso que o professor possa fazer, mas pelo posicionamento que assume em seu relacionamento com os alunos, pela participação que suscita neles,

pelas novas posturas que eles são chamados a assumir. (Alves; Garcia, 2001, p. 20).

Para isto, precisamos “que o professor conheça os estágios do desenvolvimento cognitivo do seu aluno, para utilizar os mecanismos educativos apropriados que promovam práticas pedagógicas estimulantes e não restritivas, adequadas ao período de amadurecimento de cada idade.” (Cunha, 2008, p. 57).

Enquanto professores necessitamos valorizar práticas pedagógicas mais afetiva. E a ideia de aprofundamento desta pesquisa visa exatamente isto, pois surgiu através da experiência no campo de Estágio Supervisionado em Educação Especial, onde fora presenciado através da observação e de práticas pedagógicas a importância do olhar afetivo partindo do professor para o estudante com deficiência. Sem olhar suas dificuldades e ou impedimentos rotulados em um laudo, mas com um olhar para o indivíduo único dotado de tantas capacidades e habilidades a serem exploradas.

Assim, Vigotsky (2022) nos traz a importância da intervenção em crianças com deficiências através da compensação social. Destacamos assim, que é fundamental oferecer oportunidades socioeducacionais adequadas e para que elas possam se desenvolver plenamente. O autor também aborda questões relacionadas sobre a formação da mente e a importância o social para isso, sem privar a criança do âmbito social para que ela possa participar desses espaços. Porque para ele a perda das funções sociais da criança com deficiência pode atrasá-la, mas inclui-la no meio social cria condições em que ela pode desenvolver-se. Assim, corroboramos que a inclusão dessas crianças no âmbito social (isso inclui a escola) é de suma importância. O autor ainda nos traz que a mediação faz parte da aprendizagem humana. O autor argumenta que o afastamento da pessoa com deficiência do contexto social e cultural em que se está inserido, causa-lhes danos em suas funções superiores.

Destacamos que segundo Cenci (2015, p. 7) “as funções superiores surgem na interação com o meio social, se está referindo ao processo que denomina internalização. Isto quer dizer que essas funções psicológicas superiores, antes de serem psicológicas, foram relações entre pessoas”.

Diante do exposto ressaltamos o que Vigotsky (2022, p. 247) expôs que:

[...] o educador começa a compreender que, ao penetrar na cultura, a criança não só toma algo da cultura, assimila algo, apreende algo do

meio externo, mas também a própria cultura reelabora toda a conduta natural da criança e restabelece de uma nova forma todo o curso do desenvolvimento.

Assim, compreendemos que é possível criar estratégias pedagógicas que promovam uma educação inclusiva e de qualidade para todos. E Vigotsky (2022) traz uma contribuição significativa e de enriquecimento do debate acadêmico sobre a inclusão educacional. De acordo com

Quando defendia a educação para as pessoas com deficiência, Vygotski (1997) posicionava-se contrariamente às práticas de educação especial, comumente adotadas em sua época. Nas escolas especiais, criava-se um micromundo isolado e fechado, no qual tudo estava centrado e adaptado à deficiência. Subestimava-se o potencial do aluno, recorrendo a currículos reduzidos com foco em atividades repetitivas, habilidades motoras, representações concretas, por não se acreditar na possibilidade de abstração. (Cenci, 2015, p. 10)

Assim podemos dizer que o sucesso da inclusão escolar depende de todo corpo escolar. Mas não podemos deixar de destacar o papel importantíssimo que o professor tem, pois é a pessoa que tem mais contato com os alunos no dia a dia escolar. Sendo assim, sabemos que para a ideia da inclusão e da aprendizagem efetiva ocorra é necessário que o professor faça uso “de metodologias mais instigantes e atraentes, com adaptações de acessibilidade, desenvolvendo estratégias de ensino diversificadas; bem como novas maneiras de avaliar.” (Oliveira. 2021, p. 52).

Que enquanto professores possamos refletir sobre as nossas práticas educativas, pois tudo o que fazemos ou deixamos de fazer é de alguma forma a construção do futuro mediante a nossos estudantes. Então destacamos:

Enxergue o mundo com os olhos de uma águia. Veja por vários ângulos a educação. Entenda que somos criadores e vítimas do sistema social que valoriza o ter e não o ser, a estética e não o conteúdo, o consumo e não as ideias. No que depender de nós, devemos dar nossa parcela de contribuição para gerar uma humanidade mais saudável. (Cury, 2003, p. 65).

Cury (2001) nos traz bem essas reflexões a respeito de nossas práticas em sala de aula, pois o nosso papel enquanto professores é promover uma educação participativa, estimulando os alunos não serem somente ouvintes, mas participantes de seu processo de aprendizagem. Pois para o autor sem uma educação participativa não há como desenvolver as múltiplas inteligências dos estudantes. E para isso precisamos do afeto e da promoção da autoestima desses alunos em especial os estudantes com deficiência. Pois o elogio, encorajamento abrem as janelas da

memória. E enxergar as dificuldades desses estudantes com deficiência a partir de suas perspectivas é imprescindível.

Diante disso, pudemos comprovar com as intervenções feitas na pesquisa de campo que quando o professor tem um olhar afetivo em suas práticas o aprendizado e inclusão acontecem. Assim, enfatizamos que as práticas pedagógicas afetiva estão intrinsecamente ligadas a aprendizagem efetiva dos estudantes com deficiência e quando esta prática está de fato na sala de aula e em todo âmbito escolar, ela promove a inclusão e aprendizagem dos estudantes com deficiência.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Mediante ao exposto nesta pesquisa, concluímos que a educação inclusiva ainda apresenta muitos desafios e lacunas a serem superados. Ainda é comum encontrarmos práticas educativas que focam apenas nas limitações e deficiências dos estudantes, negligenciando seus potenciais e dificultando seu pleno desenvolvimento. Por isso a escolha de trazer este tema à tona para discutirmos e refletirmos sobre.

Compreendemos que os desafios para se ter uma educação mais afetiva em nosso contexto escolar devem ser superados, para que possamos progredir e atingir a efetivação da inclusão e desenvolvimento pleno na aprendizagem dos estudantes com deficiência.

Ao enfatizarmos a importância da afetividade e inclusão no processo de aprendizagem, a pesquisa se propôs a despertar uma mudança na prática educacional para com os estudantes com deficiência, aonde essas práticas vão além de simplesmente oferecer acesso à escola regular e conteúdos curriculares. Buscamos em nossa pesquisa o despertar de uma educação que considere os aspectos emocionais, sociais e individuais de cada estudante com deficiência, garantindo um aprendizado significativo, efetivo e integral.

Assim, a presente pesquisa teve como finalidade contribuir para que o desenvolvimento na aprendizagem dos estudantes com deficiência seja efetivo, e para que a educação inclusiva de fato aconteça. Trazendo a importância e contribuição que a afetividade tem no processo de inclusão e aprendizagem. Entendendo que a relação do professor com o aluno e do estudante com o meio social e cultural da escola é primordial para seu aprendizado.

Diante de todos os levantamentos feitos durante a pesquisa, consideramos que a afetividade é de fato essencial para a valorização das diferenças e do respeito à individualidade de cada pessoa no âmbito escolar e impacta na inclusão e aprendizagem dos estudantes com deficiência.

Deste modo, compreendemos que a educação especial é um direito assegurado em nossa política educacional brasileira, mas deve ser vista por todo corpo escolar, como um processo contínuo, que precisa ser fortalecido e consolidado,

para que possa garantir o acesso à educação para todos os indivíduos. Acreditamos também, que o trabalho na área da educação especial é um desafio diário, que exige comprometimento, empatia, sensibilidade e respeito pelas diferenças. Neste sentido, é fundamental que os profissionais da educação sejam preparados para proporcionar um atendimento adequado a cada estudante, considerando suas especificidades, habilidades, potencialidades e singularidade. E que esses profissionais também possam ter uma formação continuada, com acesso a materiais pedagógicos diferenciados, e assim, possa haver trocas de experiências entre profissionais. Essas iniciativas a meu ver, podem contribuir para a garantia de um atendimento de qualidade na educação inclusiva.

Portanto, trouxemos à tona a importância da ampliação do conhecimento sobre o afetividade e sua importância na inclusão e no processo de aprendizagem dos estudantes com deficiência enfatizando ao longo do trabalho a importância e as contribuições que o afeto tem na educação dos estudantes com deficiência. Por isso destacamos que é necessário a construção de um sistema educacional inclusivo de verdade, onde os professores não tenham medo e não fiquem engessados por normas a ponto de perder a oportunidade de ser um professor fascinante e tocar de forma diferenciada e assertiva a vida de um estudante.

Assim, esperamos que este trabalho possa ter deixado uma semente de amor e um feixe de luz para que as práticas pedagógicas das escolas de ensino regular possam ser repensadas e que de fato se transformem em escolas inclusivas e não escolas que interagem. Para isso reforçamos que um olhar afetivo e atento para o estudante e não para a sua deficiência fará toda a diferença no seu processo de aprendizagem.

Sugerimos, que haja o aprofundamento desses estudos na área de afetividade como vínculo para uma inclusão efetiva e para um melhor desempenho da aprendizagem dos estudantes com deficiência. Como também destacamos para posteriores estudos, pois há uma necessidade de se discutir e analisar a Educação Especial levando a sério a inclusão e não interação e para isso a Educação Especial não pode ser apenas como uma área de aprofundamento no final do curso de Pedagogia, mas tem que ser a nossa realidade, seja como professores regulares, de universidade ou estudantes, pois essas práticas educacionais de aprofundamento específico para serem escolhidas já é uma forma de segregação e assim, exclui

muitas (os) futuras (os) pedagogas(os) que vão se deparar com diversidade de deficiências em sua docência.

No que diz respeito a isso consideramos que não basta uma área de aprofundamento nesta área de educação especial ao final do curso, bem como também não basta que as instituições de ensino insiram o estudante com deficiência no contexto de sala de aula regular por ser beneficiado por este direito, pois isso não garante de forma alguma a sua aprendizagem. O que nos traz a reflexão de que apenas planejar aulas inclusivas não nos tornar professores inclusivos, pois a educação inclusiva ocorre em conjunto por inúmeras outras práticas educacionais no âmbito escolar.

Deixamos aqui então essas reflexões do quanto é importante e necessário a afetividade no processo de inclusão e aprendizagem dos estudantes com deficiência, e o quanto é necessário que haja mais pesquisas neste campo, bem como todos os estudantes de licenciatura devem ter contato com a realidade da inclusão, fazendo da inclusão uma realidade a ser vivida todos os dias em sua docência, buscando conhecimentos e produzindo pesquisas aprofundadas na área da educação especial e inclusão educacional.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, A. R. S. **A afetividade no desenvolvimento da criança. Contribuições de Henri Wallon.** Revista Inter-Ação, Goiânia, v. 33, n. 2, p. 343–357, 2008. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/interacao/article/view/5271/4688> Acesso em: 20 de jun. de 2023.
- ALVES N.; GARCIA R.L. **O sentido da escola.** 3ª ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.
- ANTÔNIO, Sérgio da Silva Leite. **Afetividade e letramento na educação de jovens e adultos EJA.** 1ª ed. São Paulo: Cortez Editora, 2014.
- BOCK, A. M. B. e colaboradores. **Psicologias: uma introdução ao estudo da psicologia.** São Paulo: Saraiva, 1999.
- BRASIL. **DECLARAÇÃO DE SALAMANCA Sobre Princípios, Políticas e Práticas na Área das Necessidades Educativas Especiais.** Brasília: MEC/SEESP, 1994. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/salamanca.pdf> Acesso em: 25 de ago. de 2023.
- BRASIL. **Saberes e Práticas da Inclusão. Declaração de Salamanca: recomendações para a construção de uma escola inclusiva.** SEESP/MEC: Brasília, 2003. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/serie3.pdf> Acesso em: 25 de ago. de 2023.
- BRASIL. Ministério de Educação e Cultura. **LDB - Lei nº 9394/96, de 20 de dezembro de 1996.** Disponível em: http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/lei9394_ldbn1.pdf Acesso em: 15 de jul. de 2023.
- BRASIL. **LEI Nº 9.394, DE 20 DE DEZEMBRO DE 1996.** Brasília, DF: Presidência da República, 1996. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm Acesso em: 26 de ago. de 2023.
- BRASIL. **POLÍTICA NACIONAL DE EDUCAÇÃO ESPECIAL NA PERSPECTIVA DA EDUCAÇÃO INCLUSIVA.** MEC/SEESP, 2008. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/politicaeducaspecial.pdf> Acesso em: 20 de ago. de 2023.
- BRASIL. **Diretrizes Nacionais para a Educação Especial na Educação Básica.** Brasília: MEC/SEESP, 2001. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/diretrizes.pdf> Acesso em: 23 de julho de 2023.
- BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1998.** Brasília, DF: Presidente da República. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm Acesso em: 15 de jul. de 2023.
- BRASIL. **LEI Nº 13.146, DE 6 DE JULHO DE 2015. Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência).** Brasília, DF: Presidente da República. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/l13146.htm Acesso em: 15 de jul. de 2023.

CAVALCANTE, M. **Como criar uma escola acolhedora**. Nova Escola, São Paulo: abril, n. 180, p. 51-57. março, 2005.

CENCI, Adriane. **A retomada da defectologia na compreensão da teoria histórico-cultural de Vygotski**. 37ª Reunião Nacional da ANPEd, p. 1-17, 2015. Disponível em: <https://www.anped.org.br/sites/default/files/trabalho-gt20-3680.pdf> Acesso em: 27 de out. de 2023.

CHABOT, Daniel; CHABOT, Michel. **Pedagogia emocional: sentir para aprender**. Trad. de Diego Ambrosini e Juliana Montoia de Lima. São Paulo: Sá, 2008.

COSTA, Andréia Pires da. **A importância da afetividade no processo da inclusão escolar**. Monografia. UNB. Universidade Aberta do Brasil, Brasília, 2011. Disponível em: <https://bdm.unb.br/handle/10483/2504> Acesso em: 12 de ago. de 2023.

CRIS, Marcela. **Atividades método fônico (Boquinha): Complete as vogais**. Site: marcelacristina, 2015. Disponível em: <http://www.marcelacristina.blogspot.com/2015/02/atividades-metodo-fonico-boquinha.html> Acesso em: 20 de abril de 2023.

CUNHA, A. E. **Afeto e Aprendizagem, relação de amorosidade e saber na prática pedagógica**. Editora Wak: Rio de Janeiro, 2008.

CURY, Augusto José. **Treinando a emoção para ser feliz: nunca a autoestima foi tão cultivada no solo da vida**. 53ª ed. Academia de inteligência: São Paulo, 2001

CURY, Augusto. **Pais brilhantes, professores fascinantes: formando jovens felizes e inteligentes**. 7ª ed. Rio de Janeiro: Sextante, 2003.

CURY, Augusto. **Superando o cárcere das emoções**. 2ª ed. São Paulo: Editora Academia de Inteligência, 2008.

CURY, A. **Inteligência emocional**. Rio de Janeiro: Sextante, 2012.

DAMASIO, A. **O Erro de Descartes: emoção, razão e cérebro humano**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

DA SILVA, Claudia Mara. **Alfabetização e Deficiência Intelectual: Uma Estratégia diferenciada – Anexo III**. Semana Pedagógica, 2º semestre. Paraná (Governo do Estado), 2016. Disponível em: http://www.gestaoescolar.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/sem_pedagogica/julho_2016/dee_anexo3.pdf Acesso em: 20 de abril de 2023.

DINIZ, Margareth. **Inclusão de pessoas com deficiência e/ou necessidades específicas: avanços e desafios**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2012.

DUMARD, Katia. **Aprendizagem e sua Dimensão Cognitiva, Afetiva e Social**. Cengage Learning Edições Ltda. São Paulo, SP: Cengage, 2016.

EDUCAÇÃO E TRANSFORMAÇÃO. **Atividades identidade**, Perguntas. Site: educação e transformação. Disponível em: <https://www.educacaoetransformacao.com.br/atividades-identidade/atividades-identidade-sobre-mim-perguntas/> Acesso em: 20 de Abril de 2023.

GABRIELLY, B., NATALIA, G., MARCHETTI, L., MÁRCIO, ISABEL, M., LUIZA, M E. BOLONESI, V. **A lagarta Lala**. Site: baixe livros. Disponível em: <https://www.baixelivros.com.br/infantil/a-lagarta-lala>. Acesso em: 12 de abril de 2023.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4ª ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6ª ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GRATIOT. ALFANDÉRY, Hélène. **Henri Wallon**. Tradução e organização: Patrícia Junqueira. Coleção EDUCADORES MEC – Recife: Fundação Joaquim Nabuco. Editora Massangana, 2010.

HEINE, Evelyn. Larissa e Humberto. **Todo mundo é diferente**. Site: baixe livros. Disponível em: <https://www.baixelivros.com.br/infantil/todo-mundo-e-diferente> Acesso em: 10 de abril de 2023.

JUNGES, F. C. KETZER, C. M. OLIVEIRA, V. M. A. de. **Formação continuada de professores: Saberes ressignificados e práticas docentes transformadas**. Revista Educação e Transformação (UECE). Vol. 3, Nº. 9, 2018, págs. 88-101. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=7146564> Acesso em: 22 de out. de 2023

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica**. 5ª ed. São Paulo: Atlas, 2003.

LER E APRENDER. **Atividades identidade e autonomia, meu nome é**. Site: ler e aprender. Disponível em: <https://lereaprender.com.br/atividades-identidade-e-autonomia/atividades-identidade-e-autonomia-meu-nome-e/> Acesso em: 20 de Abril de 2023.

MANTOAN, Maria Tereza Eglér. **INCLUSÃO ESCOLAR O que é? Por quê? Como fazer?** 1ª edição. São Paulo: Moderna, 2003.

MANTOAN, M. T. Egler, PRIETO, R. Gavioli, ARANTES V. Amorim. **Inclusão escolar: pontos e contrapontos**. 1ª edição. São Paulo: Summus, 2006.

MATTOS, Sandra Maria Nascimento de. **Inclusão/exclusão escolar e afetividade: repensando o fracasso escolar das crianças de classes populares**. Educar em Revista, Curitiba, Brasil, n. 44, p. 217-233, abr./jun. 2012. Editora UFPR. Disponível em: <http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-40602012000200014&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 27 de out. de 2023.

MELLO, Tágides; RUBIO, J. D. A. S. **A importância da afetividade na relação professor/aluno no processo de ensino/aprendizagem na educação infantil**. Revista Eletrônica Saberes da Educação, v. 4, n. 1, 2013. Disponível em: <https://docs.uninove.br/arte/fac/publicacoes/pdf/v4-n1-2013/tagides.pdf>. Acessado em: 25 de setembro de 2023.

MURGO, C. S.; ALVES, W. A.; FRANCISCO, M. V. **A afetividade na relação professor - aluno: estudantes de Pedagogia**. Rev. educ. Campinas, 2ª Edição, maio/ago de 2016.

OLIVEIRA, Paulo Roberto dos Santos. **A AFETIVIDADE E AS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS NUMA PERSPECTIVA INCLUSIVA**. UNIFIP - Patos/PB. Revista Conexões de Saberes, v.5, n.1, 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufpa.br/index.php/conexoesdesaberes/article/view/14574/10185> Acesso em: 23 de set. de 2023

OLIVEIRA, V. L. C; GONZAGA, M. Z. LIMA, E.C.Z. **Educação inclusiva: um ato de amor e afetividade**. In: CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO, Conedu, Campina Grande: Realize, 2015. Disponível em: <https://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/15891>. Acesso em: 30 de agosto de 2023.

ONU - Organização das Nações Unidas. **Declaração Universal dos Direitos Humanos**. Adotada e proclamada pela Assembleia Geral das Nações Unidas - resolução 217 A III, 1948. Disponível em: <https://brasil.un.org/pt-br/91601-declara%C3%A7%C3%A3o-universal-dos-direitos-humanos> Acesso em: 23 de jul. de 2023

PIAGET, J. **O raciocínio da criança**. Rio de Janeiro/São Paulo: Record, 1967. (Originalmente publicado em 1924).

PIAGET, Jean. **A formação do símbolo na criança: imitação, jogo e sonho, imagem e representação**. Rio de Janeiro: LCT, 1971.

PIAGET, J. **O tempo e o desenvolvimento intelectual da criança**. Rio de Janeiro: Forense, 1973.

PIAGET, Jean. **A psicologia da inteligência**. Tradução de Guilherme João de Freitas Teixeira. Edição Digital - Editora Vozes. Petrópolis, Rio de Janeiro, 2013.

PIAGET, Jean. **Relações entre a afetividade e a inteligência no desenvolvimento mental da criança**. Tradução e organização: Cláudio J. P. Saltini e Doralice B. Cavenaghi. Rio de Janeiro: Wak, 2014.

POKER, Rosimar B. MARTINS, Sandra Eli S. de O. OLIVEIRA, Anna Augusta S. de. MILANEZ, Simone G. C. GIROTO, Claudia Regina M. **Plano de desenvolvimento individual para o atendimento educacional especializado**. São Paulo: Cultura Acadêmica; Marília: Oficina Universitária, 2013.

REGINA, Eliane, APARECIDA, Natalie. **Estratégias de trabalho para estudantes com deficiência intelectual AEE – Atendimento Educacional Especializado AEE**. Site: docplayer. Disponível em: <https://docplayer.com.br/7241337-Estrategias-de-trabalho-para-alunos-com-deficiencia-intelectual-aee-atendimento-educacional-especializado-aee.html>. Acesso em: 23 de abril de 2023.

ROGERS, C. R. **Liberdade para aprender**. Trad. de Edgard de Godói da Mata Machado e Márcio Paulo de Andrade. 2ª ed. Belo Horizonte: Interlivros, 1973.

SALTINI, Cláudio, J.P. **Afetividade e Inteligência**. 5ª. Ed. Rio de Janeiro: Wak 2008.

SANTOS, Mônica Pereira; PAULINO, Marcos Moreira (orgs.). **Inclusão em Educação: Culturas, Políticas e Práticas**. São Paulo: Cortez, 2008.

SAMPIERI, R. H. COLLADO, C. F. LUCIO, M. del P. B. **Metodologia de Pesquisa**. 5ª ed. Porto Alegre: Penso, 2013.

SECCO, Patrícia. **João, preste atenção!** 5ª edição: Ed. Silvamarts LTDA, 2013.

SOUZA, Railane Santos e NASCIMENTO, Ivany Steffany Brito do. **ESTÁGIO SUPERVISIONADO: desafios para uma prática inclusiva na sala de aula regular**. Anais VIII CONEDU. Campina Grande: Realize Editora, 2022.

STAINBACK, Susan & STAINBACK, William. **Inclusão: um guia para educadores**. Porto alegre: Artmed, 1999.

TAILLE. OLIVEIRA. DANTAS, Yves De La. Marta Kohl De. Heloysa. **PIAGET, VIGOTSKY E WALLON: teorias psicogenéticas em discussão**. 28ª. ed. SÃO PAULO: SAMMUS, 2019. ISBN 978-85-323-1127-6 (recurso eletrônico) – 1992.

UNESCO (1994). **DECLARAÇÃO DE SALAMANCA Sobre Princípios, Políticas e Práticas na Área das Necessidades Educativas Especiais**. UNESCO:

Salamanca-Espanha, 1998. Disponível em:

<https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000139394> Acesso em: 23 de jul. de 2023

UFPB. **RESOLUÇÃO CCP Nº 003/2018 de 09 de outubro de 2018**. Centro de educação. Coordenação do curso de pedagogia. Regulamento para o Estágio Supervisionado do Curso de Pedagogia, presencial, da Universidade Federal da Paraíba, Campus I. Site: sig-arq.ufpb.br. Disponível em: https://sig-arq.ufpb.br/arquivos/2018095167285c10754974813ebb104cf/RESOLUO_CCP_N_003-2018._REGULAMENTO_DE_ESTGIO_SUPERVISIONADO.pdf. Acesso em: 25 de março de 2023.

VIGOTSKY, L. S. **Pensamento e linguagem**. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1978.

VIGOTSKY, L. S. **A formação social da mente: o desenvolvimento social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

VIGOTSKY, L. S. **Psicologia Pedagógica**. 3ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

VIGOTSKY, L. S. **Problemas de defectologia**. Volume 1. São Paulo: Expressão Popular, 2021.

VIGOTSKY, L. S. **Obras Completas – Tomo Cinco: Fundamentos de Defectologia**. EDUNIOESTE. Tradução do Programa de Ações Relativas às Pessoas com Necessidades Especiais (PEE). Cascavel - PR, 2022.

WALLON, Henri. **A evolução psicológica da criança**. Lisboa: Edições 70, 1968.

WALLON, H. **As origens do pensamento na criança**. São Paulo: Manole, 1975.

WALLON, Henry. **As origens do caráter na criança**. São Paulo: Nova Alexandria, 1995.

WALLON, H. **A evolução psicológica da criança**. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

WINNICOTT, D. W. **O brincar e a realidade**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Imago, 2000.